

O

NOVIÇO

COMEDIA EM 3 ACTOS

POR

L. C. M. Penna.



RIO DE JANEIRO

EMP. TYP. DOUS DE DEZEMBRO DE P. BRITO
Impressor da Casa Imperial.

—
1853.

PERSONAGENS.

AMBROSIO.

FLORENCIA, sua mulher.

EMÍLIA, sua filha.

JUCA (9 annos) dito.

CARLOS, Noviço da Ordem de S. Bento.

ROSA, Provinciana, primeira mulher de Ambrosio.

PADRE-MESTRE DOS NOVIÇOS.

JORGE.

JOSÉ, Criado.

1 MEIRINHO, que falla.

2 DITOS, que não fallam.

Soldados de Permanentes, etc., etc.

O NOVIÇO

COMEDIA EM 3 ACTOS.



Acto Primeiro.

Sala ricamente adornada, mesa, consolos, mangas de vidro, jarras com flores, cortinas, etc., etc. No fundo porta de sahida, uma janella, etc., etc.

SCENA I.

AMBROSIO só, de calça preta e chambre.

No mundo a fortuna é para quem sabe adquirir-a. Pintam-na cega... que simplicidade!.. cego é aquelle que não tem intelligencia para sel-a e a alcançar. Todo o homem pôde ser rico, se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna. Vontade forte, perseverança e pertinacia, são poderosos auxiliares. Qual o homem, que resolvido a empregar todos os meios, não consegue enriquecer-se? Em mim se vê o exemplo. Ha 8 annos era eu pobre e miseravel, e hoje sou rico, e mais ainda serei. o como não importa; no bom resultado está o merito... mas um dia pôde tudo mudar. Oh! que temo eu?... Se

em algum tempo tiver de responder pelos meus actos, o ouro justificar-me-ha, e serei limpo de culpa... As leis criminaes fizeram-se para os pobres.

SCENA II.

Entra FLORENCIA vestida de preto, como quem vai a festa.

FLORENCIA (*entrando*).

Ainda despido, Sr. Ambrosio?

AMBROSIO.

E' cedo (*vendo o relógio*). São 9 horas, e o officio de ramos principia ás 10 e meia.

FLORENCIA.

E' preciso ir mais cedo para tomar-mos lugar.

AMBROSIO.

Para tudo ha tempo. Ora dize-me, minha Bella Florencia.

FLORENCIA.

O que, meu Ambrosinho?

AMBROSIO.

O que pensa tua filha do nosso projecto?

FLORENCIA.

O que pensa não sei eu, nem disso se me dá; quero eu, e basta, e é seu dever obedecer.

AMBROSIO.

Assim é, estimo que tenhas character energico.

FLORENCIA.

Energia tenho eu.

AMBROSIO.

E attractivos, feiticeira.

FLORENCIA.

Ai amorsinho (*á parte*) Que maridol..

AMBROSIO.

Escuta-me, Florencia, e dá-me attenção ; crê que ponho todo o meu pensamento em fazer-te feliz...

FLORENCIA.

Toda eu sou attenção.

AMBROSIO.

Dous filhos te ficaram do teu primeiro matrimonio; teu marido foi um digno homem, e de muito juizo; deixou-te herdeira de avultado cabedal... grande merito é esse.

FLORENCIA.

Pobre homem!

AMBROSIO.

Quando eu te vi pela primeira vez não sabia que eras viuva rica (*á parte*) se o sabia! (*alto*) amei-te por sympathia.

FLORENCIA.

Sei disso, vidinha.

AMBROSIO.

E não foi o interesse que obrigou-me a casar contigo.

FLORENCIA.

Foi o amor que nos uniu.

AMBROSIO.

Foi, foi; mas agora que me acho casado contigo, é de meu dever zelar essa fortuna que sempre despresei.

FLORENCIA (*á parte*).

Que marido!

AMBROSIO (*á parte*).

Que tola! (*alto*) até o presente tens gozado dessa fortuna em plena liberdade e a teu bel prazer, mas daqui em diante talvez assim não seja.

FLORENCIA.

E porque?

AMBROSIO.

Tua filha está moça, e em estado de casar-se... casar-se-ha, e terás um genro que exigirá a legitima de sua mulher, e desse dia principiarão as amofinações para ti, e intermináveis demandas; bem sabes que ainda não fizestes inventario.

FLORENCIA.

Não tenho tido tempo, e custa-me tanto aturar procuradores!

AMBROSIO.

Teu filho tambem vai a crescer todos os dias, e será preciso por fim dar-lhe a sua legitima. . . novas demandas.

FLORENCIA.

Não, não quero demandas!

AMBROSIO.

É' o que eu tambem digo, mas como prevenil-as?

FLORENCIA.

Faze o que entenderes, meu amorsinho.

AMBROSIO.

Eu já te disse ha mais de tres mezes o que era preciso fazermos para atalhar esse mal ; amas a tua filha, o que é muito natural; mas amas ainda mais a ti mesma...

FLORENCIA.

O que tambem é muito natural.

AMBROSIO.

Que duvida. e eu julgo que podes conciliar esses dous pontos, fasendo Emilia professar em um convento. . Sim, que seja freira; não terás nesse caso de dar legitima alguma, apenas um insignificante dote, e farás acção meritoria.

FLORENCIA.

Coitadinha! Sempre tenho pena della; o convento é tão triste!..

AMBROSIO.

E' essa compaixão mal entendida... O que é este mundo?.. um pelago de enganos e traições.. um escolho em que naufragam a felicidade e as doces illusões da vida... e o que é o convento?.. porto de salvação e ventura, asylo da virtude, unico abrigo da innocencia e verdadeira felicidade... e deve uma mãe carinhosa hesitar na escolha entre o mundo e o convento?

FLORENCIA.

Não, por certo...

AMBROSIO.

A mocidade é inexperiente... não sabe o que lhe convem. Tua filha lamentar-se-ha, chorará desesperada; não importa... obriga-a, e dai tempo ao tempo... Depois que estiver no convento, e acalmar-se esse primeiro fogo, abençoará o teu nome, e junto ao altar, no extasi de sua tranquillidade, e verdadeira felicidade, rogará a Deos por ti (*á parte*); E a legitima ficará em casa.

FLORENCIA.

Tens razão meu Ambrosinho, ella será freira.

AMBROSIO.

A respeito de teu filho direi o mesmo... tem elle 9 annos, e será prudente criar-mo-lo desde já para frade.

FLORENCIA.

Já hontem comprei-lhe o habito com que andarás vestido daqui em diante.

AMBROSIO.

Assim não estranhará quando chegar á idade de entrar no convento... será frade feliz (*á parte*). E a lègitima tambem ficará em casa.

FLORENCIA.

Que sacrificios não farei eu para ventura de meus filhos!

SCENA III.

Entra Juca vestido de frade com chapéo desabado tocando um assobio.

FLORENCIA.

Anda cá, filhinho... como estais galante com esse habito.

AMBROSIO.

Juquinha, gostas desta roupa?..

JUCA.

Não, não me deixa correr; é preciso levantar assim (*arregaça o habito*).

AMBROSIO.

Logo te acostumarás.

FLORENCIA.

Filhinho, has de ser um fradinho muito bonito.

JUCA (*chorando*).

Não quero ser fradel. .

FLORENCIA.

Então o que é isso?..

JUCA.

Hi, hi, hi; não quero ser frade.

FLORENCIA.

Menino!..

AMBROSIO.

Pois não te darei o carrinho que te prometti, todo bordado de prata, com cavallos de ouro.

JUCA (*rindo-se*).

Onde está o carrinho?..

AMBROSIO.

Já o encommendei... é cousa muito bonita; os arreios todos enfeitados de fitas e velludo.

JUCA.

Os cavallos são de ouro?

AMBROSIO.

Pois não, de ouro com os olhos de brilhantes.

JUCA.

E andam sozinhos?..

AMBROSIO.

Se andam! de marcha e passo.

JUCA.

Andam, mamã?..

FLORENCIA.

Correm, filhinho.

JUCA (*saltando de contente*).

Como é bonito.. e o carrinho tem rodas?.. capim para os cavallos? uma moça bem enfeitada?

AMBROSIO.

Não lhe falta nada.

JUCA.

E quando vem?

AMBROSIO.

Assim que estiver prompto.

JUCA (*saltando e cantando*).

Eu quero ser frade, eu quero ser frade, etc.

AMBROSIO (*para Florencia*).

Assim o iremos acostumando...

FLORENCIA.

Coitadinho! é preciso comprar-lhe o carrinho.

AMBROSIO (*rindo-se*).

Com cavallos de ouro?

FLORENCIA.

Não!..

AMBROSIO.

Basta que se compre uma caixinha com soldados de chumbo.

JUCA (*saltando pela sala*).

Eu quero ser fradel.

FLORENCIA .

Está bom, Juquinha, serás frade; mas não grites tanto... vai lá para dentro...

JUCA (*sahe cantando*).

Eu quero ser frade, etc .

FLORENCIA .

Estas creanças...

AMBROSIO .

Este levaremos com facilidade. . . de pequenino se torce o pepino,.. cuidado me dá o teu sobrinho Carlos.

FLORENCIA .

Já vai para seis mezes que elle entrou como Noviço no convento.

AMBROSIO .

E queira Deos que decorra o anno inteiro para professor, que só assim ficaremos tranquilos.

FLORENCIA .

E se fugir do convento?

AMBROSIO .

Lá isso não temo eu... está bem recommendado; é preciso empregarmos toda nossa autoridade para obrigar-o a professor... o motivo bem o sabes.

FLORENCIA .

Mas olha que Carlos é da pelle; é endiabrado..

AMBROSIO.

Outros tenho eu domado . . Vão sendo horas de sahirmos; vou-me vestir (*Salte pela esquerda*).

SCENA IV.

FLORENCIA só.

Se não fosse este homem com quem casei-me segunda vez, não teria agora quem zelasse com tanto desinteresse a minha fortuna, é uma bella pessoa... rodeia-me de cuidados e carinhos. Ora digam lá que uma mulher não deve casar-se segunda vez... se eu soubesse que havia de ser sempre tão feliz, casar-me-ia cincoenta.

SCENA V.

Entra EMILIA vestida de preto, como querendo atravessar a sala.

FLORENCIA.

Emilia?.. vem cá . . .

EMILIA.

Senhora . . .

FLORENCIA.

Chega aqui. O' menina . . não deixarás este ar triste e lagrimoso em que andas . .

EMILIA.

Minha mãe, eu não estou triste (*limpa os olhos com o lenço*)

FLORENCIA.

Ahi tem! não digo. a chorar... de que chorá?.

EMILIA.

De nada, não senhora...

FLORENCIA.

Ora isto é insupportavel! mata-se e amofina-se uma mãe extremosa para fazer a felicidade de sua filha; e como agradece esta!.. arrepelando-se e chorando. Ora sejam lá mãe... e tenham filhos desobedientes.

EMILIA.

Não sou desobediente... far-lhe-hei a vontade; mas não posso deixar de chorar e sentir. (*Aqui apparece á porta, por onde sahio, Ambrosio em mangas de camisa para observar*).

FLORENCIA.

E por que tanto chora a menina? porque?..

EMILIA.

Minha mãe.

FLORENCIA.

O que tem de máo a vida de freira?

EMILIA.

Será muito boa, mas é que não tenho inclinação nenhuma para ella.

FLORENCIA.

Inclinação! inclinação! o que quer dizer inclina-

ção?.. Terás sem duvida por algum francelho, frequentador de bailes e passeios, jogador do écarté, e dansador de polka? essas inclinações é que perdem a muitas meninas. Esta cabecinha ainda está muito leve; eu é que sei o que te convem : serás freira...

EMILIA.

Serei freira, minha mãe, serei!.. assim como estou certa que hei de ser desgraçada...

FLORENCIA.

Historias!.. Sabes tu o que é mundo? o mundo é... é... (*à parte*) já não me recordo o que me disse o Snr. Ambrosio que era o mundo. (*Alto.*) O mundo é... um é (*à parte*) e esta? (*vendo Ambrosio junto da porta*). Ah! Ambrosio, dize aqui a esta estonteada o que é o mundo.

AMBROSIO (*adiantando-se*).

O mundo é um pelago de enganos e traições; um escolho em que naufragam a felicidade e as doces illusões da vida... e o convento é porto de salvação e ventura, unico abrigo da innocencia, e verdadeira felicidade... Onde está minha casaca?

FLORENCIA.

Lá em cima no sotão (*Ambrosio sahe pela direita*).

FLORENCIA (*para Emilia*).

Ouviste o que é o mundo, e o convento? não sejas

pateta... vem acabar de vestir-te, que são mais que horas (*sahe pela direita*).

SCENA VI.

EMILIA e depois CARLOS.

EMILIA.

E' minha mãe, devo-lhe obediencia... mas este homem... meu padrasto, como o detesto... estou certa que foi elle quem persuadio a minha mãe que me mettesse no convento... Ser freira? Oh! não!.. não!.. e Carlos que tanto amo?... pobre Carlos, tambem te perseguem... e porque nos perseguem assim? não sei!.. Como tudo mudou nesta casa, depois que minha mãe casou-se com este homem!.. então não pensou ella na felicidade de seus filhos... ai... ai.

SCENA VII.

CARLOS com habito de Noviço entra assustado, e fecha a porta.

EMILIA (*assustando-se*).

Ah! quem é?.. Carlos!..

CARLOS

Cala-te...

EMILIA.

Meu Deus! o que tens? porque estás tão assustado?.. o que foi?

CARLOS.

Aonde está minha tia, e o teu padrasto?

EMILIA.

Lá em cima; mas o que tens?..

CARLOS.

Fugi do convento... e ahi vem elles atraz de mim.

EMILIA.

Fugiste?.. e por que motivo?..

CARLOS.

'Porque motivo?.. pois faltam motivos para se fugir de um convento!.. O ultimo foi o jejum em que vivo ha sete dias... yê como tenho esta barriga... vai a sumir-se!.. Desde sexta feira passada que não mastigo pedaço que valha a pena.

EMILIA.

Coitado!

CARLOS.

Hoje, já não podendo, questioneei com o D. Abade... palavras puxam palavras; dize tu, direi eu... e por fim de contas arrumei-lhe uma cabeçada, que o atirei por esses ares.

EMILIA.

O que fizestes, louco?..

CARLOS.

E que culpa tenho eu, se tenho a cabeça esquentada?.. para que querem violentar minhas inclinações?.. não nasci para frade, não tenho jeito nenhum para estar horas inteiras no côro a rezar com os braços encruzados... não me vai o gosto para ahí... não posso jejuar... tenho pelo menos tres vezes ao dia uma fome de todos os diabos; militar é o que eu quizera ser, para ahí chama-me a inclinação; bordoadas, espadeiradas, rugas, é que me regalam... esse é o meu genio... gosto de theatro... e de lá ninguem vai ao theatro, á excepção de frei Mauricio, que frequenta a platéa de casaca e cabelleira para esconder a corôa.

EMILIA.

Pobre Carlos! como terás passado estes seis mezes de noviciado?

CARLOS.

Seis mezes de martyrio... não que a vida de frade seja má... boa é ella para quem a sabe gozar, e que para ella nasceo; mas eu, priminha, eu que tenho pará a tal vidinha negação completa, não posso.

EMILIA.

E os nossos parentes quândo nos obrigam a seguir uma carreira, para a qual não temos inclinação alguma, dizem que o tempo acostumar-nos-ha.

CARLOS.

O tempo acostumar!.. eis ali porque vemos entre nós tantos absurdos e disparates!! Este tem geito para çapateiro, pois vá estudar medicina. . . excellentē mēdico. . . aquelle tem inclinação para comico, pois não senhor, será politico. . . Ora ainda isso vá. Est'outro só tem geito para caiador, ou borrador, nada, é officio que não presta. . . seja diplomata que borra tudo quanto faz. Aquell'outro chama-lhe toda a propensão para a ladroeira; manda o bom senso que se corrija o sugueitinho, mas isso não se faz; seja thesoureiro de repartição, fiscal, e lá se vão os cofres da nação á garra. . . Ess'outro tem uma grande carga de preguiça e indolencia, e só serviria para leigo de convento, no entanto vemos o bom do mandrião empregado publico, comendo com as mãos encruzadas sobre a pança o pingue ordenado da nação.

EMILIA.

Tens muita razão, assim é. . .

CARLOS.

Este nasceo para poeta ou escriptor, com uma imaginação fogosa e independente, capaz de grandes cousas, mas não póde seguir a sua inclinação, porque poetas e escriptores morrem de miseria no Brasil!.. e assim obriga a necessidade a ser o mais somenos amanuense em uma repartição publica e á

copiar cinco horas por dia os mais somniferos papeis. . . o que acontece?.. em breve matam-lhe a intelligencia, e fazem do homem pensante, machina estúpida . . . e assim se gasta uma vida!.. E' preciso, é já tempo que alguem olhe para isso.. e alguem que possa...

EMILIA.

Quem póde, nem sempre sabe o que se passa entre nós para poder remediar... é preciso fallar...

CARLOS.

O respeito e a modestia prendem muitas linguas; mas lá vem um dia que a voz da razão se faz ouvir, e tanto mais forte, quanto mais comprimida...

EMILIA.

Mas Carlos, hoje te estou desconhecendo.

CARLOS.

A contradicção em que vivo tem-me exasperado! e como queres tu que eu não falle quando vejo, aqui um pessimo cirurgião que poderia ser bom alveitar; ali um ignorante general que poderia ser excellente enfermeiro; acolá um periodiqueiro que só serviria para arreeiro, tão desbocado e insolente, é . . . , etc., etc.; tudo está fóra de seus eixos...

EMILIA.

Mas que queres tu que se faça?

CARLOS.

Que não se constranja ninguem; que se estudem

os homens, e que haja uma bem entendida e esclarecida protecção; e que sobretudo se despreze o patronato, que assenta o jumento nas bancas das academias, e amarra o homem de talento á mangedoura. Eu que quizera viver com uma espada á cinta e á frente do meu batalhão, conduzil-o ao inimigo a travez da metralha, bradando : « Marcha... (*manobrando pela sala entusiasmado*) Camaradas!.. Coragem, calar bayonetas! marche, marche! firmeza, avança!.. o inimigo fraqueia... (*seguindo Emilia, que recua espantada*) avança.

EMILIA.

Primo! primo! que é isso? fique quieto...

CARLOS (*entusiasmado*),

Avança, bravos companheiros viva a patria! viva!.. e voltar victorioso, coberto de sangue e poesia.. Em vez desta vida de agitação e gloria... hei de ser frade... revestir-me de paciencia e humildade, encommendar defunctos... (*cantando*) requiescat in pace... a porta inferi!.. amen!.. O que seguirá disto?.. o ser eu pessimo frade, descredito do convento, e vergonha do habito que visto... Falta-me a paciencia.

EMILIA.

Paciencia, Carlos, preciso eu tambem ter, e muita... Minha mãe declarou-me positivamente que eu hei de ser freira.

CARLOS.

Tu freira?! também te perseguem?

EMILIA.

E meu padrasto ameaça-me,

CARLOS.

Emilia, aos cinco annos estava eu orphão, e tua mãe, minha tia, foi nomeada por meu pai sua testamenteira e minha tutora... Comtigo cresci nesta casa, e á amisade de criança seguio-se inclinação mais forte... eu te amei, Emilia; e tu também me amaste...

EMILIA.

Carlos!

CARLOS.

Viviamos felizes, esperando que um dia nos uniriamos, nesses planos estavamos quando appareceu este homem, não sei donde, e que soube a tal ponto illudir tua mãe, que a fez esquecer-se de seus filhos que tanto amava; de seus interesses, e contrahir segundas nupcias.

EMILIA.

Desde então nossa vida tem sido tormentosa,

CARLOS.

Obrigaram-me a ser Noviço, e não contentes com isso querem-te fazer freira... Emilia, ha muito tempo que eu observo este teu padrasto, e sabes qual tem sido o resultado de minhas observações?..

EMILIA.

Não.

CARLOS.

Que elle é um rematadissimo velhaco.

EMILIA.

Oh! estás bem certo disso?

CARLOS.

Certissimo! Esta resolução que tomaram de fazerem-te freira, confirma a minha opinião.

EMILIA.

Explica-te...

CARLOS.

• Teu padrasto persuadia a minha tia que me obrigasse a ser frade, para assim roubar-me impunemente a herança que meu pai deixou-me... um frade não põe demandas.

EMILIA.

E' possível!!

CARLOS.

Ainda mais; querem que tu sejas freira para não te darem dote se te casares...

EMILIA.

Carlos, quem te disse isso?.. minha mãe não é capaz...

CARLOS.

Tua mãe vive iludida... Oh! que não possa eu desmascarar este tratante?

EMILIA.

Falla baixo!..

SCENA VIII.

Entra JUCA.

JUCA.

Mana, mamãe pergunta por você.

CARLOS.

De habito?.. também elle?.. ah!..

JUCA (*correndo para Carlos*).

Primo Carlos...

CARLOS (*tomando-o no colo*);

Juquinha!.. Então, prima, tenho ou não razão?..
ha ou não plano?..

JUCA.

Primo, voce também é frade?.. já lhe deram também um carrinho de prata com cavallos de ouro?

CARLOS.

O que dizes?

JUCA.

Mamãe disse que havia de me dar um muito dourado quando eu fosse frade (*cantando*). Eu quero ser frade, etc., etc.

CARLOS (*para Emilia*).

Ainda duvidas?.. vê como enganam esta innocente creança!

JUCA.

Não enganam, não, primo; os cavallos andam sozinhos...

CARLOS (*para Emilia*).

Então?..

EMILIA.

Meu Deos!..

CARLOS.

Deixa ó caso por minha conta... hei de fazer uma estrallada de todos os diabos... verão...

EMILIA.

Prudencia!..

CARLOS.

Deixa-os comigo... adeos Juquinha, vai para dentro com tua irmã (*bota-o no chão*).

JUCA.

Vamos, mana (*sahe cantando*). Eu quero ser frade!.. (*Emilia o segue*).

SCENA IX.

CARLOS *só*.

Hei de descobrir algum meio; oh! se hei de! hei de ensinar a este patifê que casou-se com minha tia para comer não só a sua fortuna, como a de seus fi-

lhos. que bello padraсто!!.. mas por ora tractemos de mim... sem duvida no convento anda tudo em polverose... foi boa cabeçada... O D. Abbade deo um salto de trampolim (*batem á porta*). Batem? máo!.. serão elles?... (*batem.*) Espreitemos pelo buraco da fechadura (*vae espreitar*). E' uma mulher (*abre a porta*).

SCENA X.

Rosa e Carlos.

ROSA.

Dá licença?..

CARLOS.

Entre...

ROSA (*entrando*).

Uma serva de V. Rvm.^a

CARLOS.

Com quem tenho o prazer de fallar?

ROSA.

Eu, Rvm.^a senhor, sou uma pobre mulher... Ai, estou muito causada.

CARLOS.

Pois sente-se, senhora (*á parte*). Quem será?

ROSA (*sentando-se*).

Eu chamo-me Rosa; ha uma hora que cheguei do Ceará no vapor *Paquete do Norte*.

CARLOS.

Deixou aquillo por lá tranquillo?

ROSA.

Muito tranquillo, Rym.º; houve apenas no mez passado 25 mortes.

CARLOS.

S. Braz! 25 mortes! e chama a isso tranquillidade?

ROSA.

Se V. Rym.ª soubesse o que por lá vae, não se admiraria: mas, meu senhor, isto são cousas que nos não pertencem; deixe lá morrer quem morre, que ninguem se importa com isso. V. Rym.ª é cá da casa?..

CARLOS.

Sim, senhora.

ROSA.

Então é parente de meu homem?

CARLOS.

De seu homem?

ROSA.

Sim, senhor.

CARLOS.

E quem é seu homem?

ROSA.

O Snr. Ambrosio Nunes.

CARLOS.

O Snr. Ambrosio Nunes?!..

ROSA.

Somos casados ha oito annos...

CARLOS.

A senhora é casada com o Snr. Ambrosio Nunes,
e isto ha oito annos?!..

ROSA.

Sim, senhor.

CARLOS.

Sabe o que está dizendo?!..

ROSA.

Essa é boa.

CARLOS.

Está em seu perfeito juizo?..

ROSA.

O Rym.º offende-me!..

CARLOS.

Com a fortuna, conte-me isso; conte-me como
se casou?.. quando?.. como?.. em que lugar?..

ROSA.

O lugar foi na igreja.

CARLOS.

Está visto.

ROSA.

Quando, já disse; ha oito annos.

CARLOS.

Mas onde?

ROSA (*levanta-se*).

Eu digo a V. Rym.^a Sou filha do Ceará. Tinha eu meus 15 annos, quando lá appareceo, vindo do Maranhão, o Snr. Ambrosio; foi morar na nossa visinhança... V. Rym.^a bem sabe o que são visinhanças... eu o via todos os dias, elle tambem via-me; eu gostei, elle gostou, e nos casamos.

CARLOS.

Isso foi anda mão, fia dedo... e tem documentos que provem o que diz?

ROSA.

Sim, senhor, trago comigo a certidão do vigario que nos casou, assignada pelas testemunhas... e pedi logo duas por causa das duvidas... podia perder uma...

CARLOS.

Continue...

ROSA.

Vivi 2 annos com meu marido muito bem; passado esse tempo morreo minha mãe... O Sr. Ambrosio tomou conta de nossos bens, vende-os e partio para Montevidéo afim de empregar o dinheiro em um negocio, no qual, segundo dizia, haviamos de ganhar muito... Vai isto para 6 annos; mas desde então, Rym.^o senhor, não soube mais noticias delle.

CARLOS.

Oh!...

ROSA.

Escrevi-lhe sempre, mas nada de receber resposta; muito chorei... porque pensei que elle havia morrido...

CARLOS.

A historia vae interessando-me. continue...

ROSA.

Eu já estava desenganada, quando um sujeito, que foi aqui do Rio, disse-me que meu marido ainda vivia, e que habitava na côrte.

CARLOS.

E nada mais lhe disse?..

ROSA.

V. Rvm.^a vae espantar-se do que tu disser.

CARLOS.

Não me espanto, diga.

ROSA.

O sujeito accrescentou que meu marido tinha-se casado com outra mulher..

CARLOS.

Ah! disse-lhe isso?..

ROSA.

E muito chorei eu, Rvm.^o; mas depois pensei que era impossivel; pois um homem póde lá casar-se tendo a mulher viva!.. não é verdade, Rvm.^o?

CARLOS.

A bigamia é um grande crime... o código é muito claro.

ROSA.

Mas na dúvida tirei as certidões do meu casamento, parti para o Rio, e assim que desembarquei, indaguei onde elle morava, ensinaram-me, e venho eu mesma perguntar-lhe que historias são essas de casamentos.

CARLOS.

Pobre mulher, Deos se compadeça de ti.

ROSA.

Então é verdade?..

CARLOS.

Filha, a resignação é uma grande virtude... Quer fiar-se em mim, seguir meus conselhos?..

ROSA.

Sim, senhor... mas que tenho eu a temer?... meu marido está com effeito casado?..

CARLOS.

Dê-me cá uma das certidões.

ROSA.

Mas...

CARLOS.

Fia-se, ou não em mim?..

ROSA.

Aqui está (*dá-lhe uma das certidões*).

AMBROSIO (*dentro*).

Desçam, desçam, que passam as horas.

CARLOS.

Ahi vem elle...

ROSA.

Meu Deos!..

CARLOS.

Tomo-a debaixo da minha protecção... Venha cá... entre neste quarto...

ROSA.

Mas, Rym...!

CARLOS.

Entre, entre, senão abandono-a... (*Rosa entra no quarto á esquerda, e Carlos serra a porta*).

SCENA XI.

CARLOS só.

Que ventural.. ou antes que patifaria!.. Que tal! casado com duas mulheres!.. Oh! Mas o código é muito claro... agora verás como se rouba, e se obriga a ser frade...

SCENA XII.

(*Entra Ambrosio de casaca, seguido de Florencia e Emilia, ambas de véo de renda preta sobre a cabeça*),

AMBROSIO (*entrando*).

Andem, andem!.. irral essas mulheres a vestirem-se, fazem perder a paciencia.

FLORENCIA (*entrando*).

Estamos promptas.

AMBROSIO (*vendo Carlos*).

Oh!.. que fazes aqui?..

CARLOS.

(*Principia a passar pela sala de um para outro lado*).

Não vê?.. estou passeando... divirto-me...

AMBROSIO.

Como é lá isso?..

CARLOS (*do mesmo modo*).

Não é da sua conta.

FLORENCIA.

Carlos, que modos são esses?..

CARLOS.

Que modos são?.. são os meus...

EMILIA (*á parte*).

Elle se perde.

FLORENCIA.

Estás doudo?

CARLOS.

Doudo estava alguém quando... não me faça falar...

FLORENCIA.

Em?..

AMBROSIO.

Deixe-o comigo (*para Carlos*). Porque sahiste do convento?

CARLOS.

Porque quiz... Então não tenho vontade?..

AMBROSIO.

Isso veremos!.. já para o convento...

CARLOS (*rindo-se com força*).

Ah!.. ah!.. ah!..

AMBROSIO.

Ri-se?!..

FLORENCIA (*ao mesmo tempo*).

Carlos!

EMILIA.

Primo!

CARLOS.

Ah!.. ah!.. ah!..

AMBROSIO (*enfurecido*).

Ainda uma vez, obedece-me, ou...

CARLOS.

Que cara!.. ah!.. ah!..

AMBROSIO (*corre para cima de Carlos*).

FLORENCIA (*mettendo-se no meio*).

Ambrosinho!..

AMBROSIO.

Deixe-me ensinar a este mal creado.

CARLOS.

Largue-o, tia, não tenha medo...

EMILIA.

Carlos!..

FLORENCIA.

Sobrinho, o que é isso?..

CARLOS.

Está bom, não se amofinem tanto... voltarei para o convento..

AMBROSIO.

Ah! já!..

CARLOS.

Já, sim senhor, quero mostrar a minha obediência.

AMBROSIO.

E que não fosse...

CARLOS.

Encorreria no seu desagrado?.. forte desgraça!..

FLORENCIA.

Principias?..

CARLOS.

Não, senhora, quero dar uma prova de submissão ao senhor meu tio... é meu tio, é... casado com minha tia segunda vez... quero dizer, minha tia é que se casou segunda vez.

AMBROSIO (*assustando-se, á parte*).

O que diz elle?..

CARLOS (*que o observa*)

Não ha duvida.

FLORENCIA (*para Emilia*).

O que tem hoje este rapaz?

CARLOS.

Não é assim, senhor meu tio... venha cá... faça-me o favor... Senhor meu tio (*travando-lhe do braço*).

AMBROSIO.

Tira as mãos...

CARLOS.

Ora faça-me o favor, senhor meu tio... quero-lhe mostrar uma coisa, depois farei o quizer (*levantando-o para a porta do quarto*).

FLORENCIA.

O que é isto?..

AMBROSIO.

Deixa-me!..

CARLOS.

Um instante... (*Retendo Ambrosio com uma mão, com a outra empurra a porta, e aponta para dentro dizendo*) vê...

AMBROSIO (*afirmando a vista*).

Oh!.. (*volta para junto de Florençia e de Emilia, e as toma convulsivo pelo braço*). Vamos! vamos! são horas.

FLORENCIA.

O que é?..

AMBROSIO.

(*Forçejando por sair, e levá-las consigo*).

Vamos!.. vamos!..

FLORENCIA.

Sem chapéo?..

AMBROSIO.

Vamos! vamos!.. (*Sahe, levando-as.*)

CARLOS.

Então, senhor meu tio?.. já não quer que eu vá para o convento?.. (*Depois que elle sahe*). Senhor meu tio?.. Senhor meu tio?.. (*Vae á porta gritando*).

SCENA XIII.

Carlos só e depois Rosa.

CARLOS (*rindo-se*).

Ah! ah! ah! agora veremos, e me pagarás... e minha tia ta... bem ha de pagal-o, para não se casar na sua idade... e ser tão assanhada... e o menino que não se contentava com uma...

ROSA (*entraudo*).

Então, Rvm.º?

CARLOS,

Então?..

ROSA.

Eu vi meu marido um instante, e fugio... ouvi vozes de mulheres.

CARLOS.

Ah! ouviu?.. muito estimo... e sabe de quem erão essas vozes?..

ROSA.

Eu tremo de adivinhar...

CARLOS.

Pois adivinhe logo de uma assentada... eram da mulher de seu marido...

ROSA.

E' então verdade?.. perfido! traidor! Ah! desgraçada!.. (*Vae a cahir desmaiada, e Carlos a sustem nos braços*).

CARLOS.

Desmaiada!.. Snra. D. Rosa?.. fi-la bonita!.. esta é mesmo de frade... Senhora! torne a si... deixe-se desses faniquitos, olhe que aqui não ha quem a soccorra... nada... e esta?.. O' Juquinha?.. Juquinha?..

(*Juca entra, trazendo em uma mão um assobio de palha, e tocando em outro.*)

CARLOS.

Deixa esses assobios sobre a mesa, e vae lá dentro buscar alguma cousa para esta moça cheirar:

JUCA.

Mas o que, primo?

CARLOS.

A primeira cousa que encontrares.

JUCA (*larga o assobio na mesa, e sahe correndo*).

CARLOS.

Isto é muito bonito... um frade com uma moça desmaiada nos braços. Valha-me Santo Antonio, o que diriam se assim me vissem? (*gritando-lhe ao ouvido*). O' lá!.. nada!..

JUCA.

(*Entra montado a cavallo em um arco de pipa, trazendo um galheteiro*).

Vim a cavallo para chegar mais de pressa, está o que achei...

CARLOS.

Um galheteiro, menino?..

JUCA.

Não achei mais nada...

CARLOS.

Está bom, dá cá o vinagre (*toma o vinagre, e o chega ao nariz de Rosa*). Não serve... está na mesma. Tõma... Vejamos se o azeite faz mais effeito... Isto parece-me salada... azeite e vinagre... Ainda está mal temperada; venha a pimenta da India... agora creio que não falta nada... Peior é essa... a salada ainda não está boa... ai!.. que não tem sal... bravo!.. está temperada!.. venha mais sal... agora sim...

ROSA (*tornando a si*).

Onde estou eu?

CARLOS.

Nos meus braços.

ROSA (*afastando-se*).

Ah! Rvm.

CARLOS.

Não se assuste (*para Juca*). Vae para dentro.
(*Juca sahe*).

ROSA.

Agora me recordo... perfido... ingrato!

CARLOS.

Não torne a desmaiar, que já não posso...

ROSA.

Assim enganar-me... não ha leis... não ha justiça?..

CARLOS.

Ha tudo isso, e de sobra; o que não ha é quem as execute... (*Rumor na rua*).

ROSA (*assustando-se*).

Ah!..

CARLOS.

O que será isto?.. (*vae á janella.*) Ah! com S. Pedro... (*á parte.*) O Mestre de Noviços seguido de meirinhos que me procuram... não escapo...

ROSA.

O que é, Rvm.º... de que se assusta?..

CARLOS.

Não é nada (*á parte*); estou arranjado (*chega á ja-*

nella). Estão indagando na vizinhança... O que farei?

ROSA.

Mas o que é?... o que?..

CARLOS (*batendo-lhe na testa*).

Oh! só assim (*para Rosa*); sabe o que é isto?..

ROSA.

Diga.

CARLOS.

E' um poder de soldados e meirinhos, que vem prendê-la por ordem de seu marido.

ROSA.

Jesus, salve-me... salve-me...

CARLOS.

Hei de salva-la. mas faça o que eu lhe disser.

ROSA.

Estou prompta...

CARLOS.

Os meirinhos entrarão aqui, e hão de levar por força alguma cousa. esse é o seu costume; o que é preciso é engual-os.

ROSA.

E como?..

CARLOS.

Vestindo a senhora o meu habito, e eu o seu vestido.

ROSA.

Oh!..

CARLOS.

Levar-me-hão preso ; terá a senhora tempo de fugir.

ROSA.

Mas!?!..

CARLOS.

Ta, ta, ta; ande deixe-me fazer uma obra de caridade, para isso é que somos frades; entre para este quarto, dispa lá o seu vestido, e mande-me, assim como a tôca e chale.. O' Juca? Juca? (*empurrando Rosa*) Não se demore (*entra Juca*). Juca, acompanha esta senhora, e faze o que ella te mandar; ande senhora... com mil diabos.

(*Rosa entra no quarto á esquerda, empurrada por Carlos*).

SCENA XIV.

CARLOS só.

Bravo!.. esta é de mestrel.. (*chegando á janela*.) Lá estão elles conversando com o visinho do armario. . . Não tardarão a dar com o rato na ratoeira. mas o rato é esperto, e os logrará... Então?.. vem o vestido?

ROSA (*dentro*).

Já vai...

CARLOS.

De pressa!.. O que me vale é ser o Mestre de

Noviços catacego... e trazer oculos... cabirá na
esparreira (*gritando*). Vem, ou não?

JUCA (*traz o vestido, tóca e o chale*).

Está..

CARLOS.

Bom (*despe o habito*). Ora vá, Snr. habito; bem se diz, que o habito não faz o monge (*dá o habito, e o chapéo a Juca*). Toma, leva á moça (*Juca sahe*). Agora é que são ellas... isto é mangas?.. Diabo, por onde se enfia esta geringonça... creio que é por aqui... bravo, acertei... bellissimo... agora a tóca... (*põe a tóca.*) vamos ao chale... Estou guapo, creio que farei a minha parte de mulher excellentemente (*batem na porta*). São elles (*com voz de mulher*). Quem bate?

MESTRE (*dentro*).

Um servo de Deos.

CARLOS (*com a mesma voz*).

Póde entrar quem é...

SCENA XV.

Carlos, Mestre de Noviços e 3 Meirinhos.

MESTRE.

Deos esteja nesta casa.

CARLOS.

Humilde serva de V. Rvm.^a

MESTRE.

Minha senhora, terá a bondade de perdoar-me pelo incommodo que lhe damos... mas nosso dever...

CARLOS.

Incommodos, Rym.^o senhor?..

MESTRE.

V.S.^a ha de permittir que lhe pergunte se o Noviço Carlos que fugio do convento...

CARLOS.

Sio?.. caluda...

MESTRE.

Em?

CARLOS.

Está ali...

MESTRE.

Quem?..

CARLOS.

O Noviço.

MESTRE.

Ah!

CARLOS.

E' preciso sorprendel-o.

MESTRE.

Estes Srs. officiaes de justiça nos ajudarão.

CARLOS.

Muito cuidado... este meu sobrinho da-me um trabalho...

MESTRE.

Ah! a senhora é sua tia?..

CARLOS.

Uma sua criada.

MESTRE.

Tenho muita satisfação... .

CARLOS.

Não percamos tempo. . . fiquem os senhores aqui do lado da porta muito, calados... eu chamarei o sobrinho; assim que elle sair, não lhe dêem tempo de fugir, lancem-se de improviso sobre elle, e levem-no á força...

MESTRE.

Muito bem.

CARLOS.

Diga elle o que disser, grite como gritar, não façam caso... arrastem-no...

MESTRE.

Vamos a isso...

CARLOS.

Fiquem aqui (*colloca-os junto á porta da esquerda*). Attenção (*chamando para dentro*). Siol.. Siol.. Saia cá para fóra, de vagarinho...

(*Prevenção*).

SCENA XVI.

(Os mesmos e Rosa vestida de frade e chapéo na cabeça).

ROSA *(entrando).*

Já se foram? *(Assim que ella apparece, o Mestre e os meirinhos se lançam sobre ella, e procuram carregar até fóra).*

MESTRE.

Está preso!.. ha de ir... E' inutil resistir... assim não se foge... etc., etc:

ROSA *(lutando sempre).*

Ai, ai; acudam-mel.. deixem-me! quem me socorre? etc.

CARLÓS.

Levem-no... Levem-no... *(Algazarra de vozes, todos fallam ao mesmo tempo, etc. Carlos para augmentar o ruido, toma um assobio que está sobre a mesa, e toca; Juca tambem entra nessa occasião, etc.).*

(Execução.)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

Acto Segundo.

A mesma sala do 1.^o acto.

SCENA I.

(Carlos ainda vestido de mulher, está sentado, e Juca á janella).

CARLOS.

Juca, toma sentido; assim que avistares teu padraſto lá no fim da rua, avisa-me.

JUCA.

Sim, primo...

CARLOS.

No que dará tudo isto?.. qual será a sorte de minha tia?.. que lição!.. desanda tudo em muita pancadaria. .. E a outra que foi para o convento!.. Ah! ah! ah! agora é que me lembro dessa:.. que confusão entre os frades quando ella se der a conhecer ! *(levantando-se.)* Ah! ah! ah! Parece-me que estou vendo o D. Abbade horrorisado; o Mestre de Noviços limpando os oculos de boca aberta; Frei Mauricio, o folgasão, a rir-se ás gargalhadas; Frei Sinfroonio, o austero, levantando os olhos para o céu abysmado; e os noviços todos fazendo roda, coçando o cachaço. Ah! que festa perco eu! enquanto eu lá

estive ninguém lembrou se de dar-me semelhante divertimento... estúpidos... Mas o fim de tudo isto? o fim?..

JUCA (*da janella*).

Primo, ahí vem elle...

CARLOS.

Já... (*chega á janella.*) E' verdade, e com que pressa (*para Juca*). Vae tu para dentro. (*Juca sahe.*) E eu ainda deste modo, com este vestido... se eu sei o que hei de fazer?.. Sóbe a escada... dê no que der... (*entra no quarto onde esteva Rosa*).

SCENA II.

(*Entra Ambrosio, mostra no semblante alguma agitação*).

AMBROSIO.

Lá as deixei no Carmo, entretidas com o officio não darão falta de mim... é preciso, e quanto antes, que eu falle com esta mulher... é ella, não ha duvida... Mas como soube que eu aqui estava? quem lhe disse?.. quem a trouxe?.. foi o diabo para a minha perdição... Em um momento póde tudo mudar... não se perca tempo. (*chega á porta do quarto*). Senhora, queira ter a bondade de sahir cá para fóra...

SCENA III.

(*Entra Carlos cobrindo o rosto com um lenço. Ambrosio encaminha-se para o meio da sala sem olhar para elle, e assim lhe falla*).

AMBROSIO.

Senhora, muito bem conheço as vossas intenções, porém previno-vos que muito vos enganasteis.

CARLOS (*suspirando*).

Ai, ai.

AMBROSIO.

Ha seis annos que vós deixei, tive para isso motivos muito poderosos

CARLOS (*á parte*).

Que tratante! . .

AMBROSIO.

E o meu silencio depois desse tempo, devia ter-vos feiço conhecer que nada mais existe de commun entre nós.

CARLOS (*fingindo que chora*).

Hi, hi, hi.

AMBROSIO.

O pranto não me commove . . jámais podemos viver juntos . . fomos casados, é verdade . . mas que importa?

CARLOS (*no mesmo*).

Hi, hi, hi.

AMBROSIO.

Estou resolvido a viver separado de vós.

CARLOS (*á parte*).

E eu tambem.

AMBROSIO.

E para esse fim, empregarei todos os meios, . . . todos.. entendeis-me?..

(CARLOS *cahe de joelhos aos pés de Ambrosio, e agarra-se ás pernas delle chorando.*)

AMBROSIO.

Não valem supplicas. . . hoje mesmo deixareis esta cidade!!.. senão serei capaz de um grande crime!!.. o sangue não me atterra. . . e ai de quem me resiste; levantai-vos, e parti. . .

(*Carlos puxa as pernas de Ambrosio, dá com elle no chão, e levanta-se rindo-se.*)

AMBROSIO.

Ai !!..

CARLOS.

Ah! ah! ah! . .

AMBROSIO.

(*Levanta-se muito de vagar, olhando muito admirado para Carlos, que se ri.*) Carlos!. Carlos!!..

CARLOS.

Senhor meu tio; ah! ah! ah! .

AMBROSIO.

Mas então o que é isto?..

CARLOS.

Ahl ahl ahl! . .

AMBROSIO.

Como te achas aqui assim vestido?..

CARLOS.

Este vestido, Senhor meu tio, ahl ahl! . .

AMBROSIO.

Maroto!

CARLOS.

Tenha-se lá. Olhe que eu chamo por ella.

AMBROSIO.

Ella quem, bregeiro?..

CARLOS.

• Sua primeira mulher...

AMBROSIO.

Minha primeira mulher... é falso.

CARLOS.

E' falso?

AMBROSIO.

E'...

CARLOS.

E será tambem falsa esta certidão do vigario da freguezia de (*olhando para a certidão*) Maranguape no Ceará, em que se prova que o senhor meu tio recebeu-se (*lendo*) em santo matrimonio, á face da igreja, com D. Rosa Escolastica, filha de Antonio Lemos, etc., etc. Sendo testemunhas, etc.

AMBROSIO.

Dá-me esse pàpel.

CARLOS.

Dê vagar...

AMBROSIO.

Dá-me esse papell..

CARLOS.

Ah! o senhor meu tio encrespa-se... olhe que a tia não está em casa, e eu sou capaz de lhe fazer o mesmo que fiz ao D. Abbade.

AMBROSIO.

Aonde está ella?..

CARLOS,

Em lugar que apparecerá quando eu ordenar ..

AMBROSIO.

Ainda está naquelle quarto, não teve tempo de sahir. . .

CARLOS.

Pois vá ver... (*Ambrosio sahe apressado.*)

SCENA IV.

CARLOS só.

Procure bem!.. deixa estar meu espertalhão que agora te hei de eu apertar a corda na garganta... estais em meu poder, queres roubar-nos... (*gritando.*) Procure bem, talvez esteja dentro das gavetinhas do espelho... então?.. não acha?..

SCENA V

Os mesmos e Ambrosio.

AMBROSIO (*entrando*).

Estou perdido!..

CARLOS.

Não achou?

AMBROSIO.

O que será de mim?..

CARLOS.

Talvez se escondesse em algum buracinho de rato.

AMBROSIO (*cahindo sentado*).

Estou perdido!!.. perdidol.. Em um momento tudo se transtornou!. perdido para sempre. ..

CARLOS.

Ainda não, porque eu posso salvá-lo.

AMBROSIO.

Tu?..

CARLOS.

Eu, sim...

AMBROSIO.

Carlinho!..

CARLOS.

Já?..

AMBROSIO.

Carlinho!..

CARLOS.

Ora vejam como está terno.

AMBROSIO.

Por tua vida, salvai-me! . .

CARLOS.

Eu salvarei, mas debaixo de certas condições...

AMBROSIO.

E quaes são ellas?..

CARLOS.

Nem eu, nem o primo Juca queremos ser frades.

AMBROSIO.

Não serão..

CARLOS.

Quero casar-me com minha prima.

AMBROSIO.

Casarás.

CARLOS.

Quero a minha legitima.

AMBROSIO.

Terás a tua legitima.

CARLOS.

Muito bem.

AMBROSIO.

E tu me promettes que nada dirás á tua tia do que sabes?

CARLOS.

Quanto a isso póde estar certo... (*á parte*). Veremos.

AMBROSIO.

Agora diz-me, onde ella está?..

CARLOS.

Não posso, o segredo não é meu...

AMBROSIO.

Mas dá-me a tua palavra de honra que ella sahio desta casa?

CARLOS.

Já sahio... palavra de mulher honrada.

AMBROSIO.

E que nunca mais voltará?..

CARLOS.

Nunca mais... (*á parte*). Isto é, se quizerem ficar com ella lá no convento em meu lugar.

AMBROSIO.

Agora dá-me esse papel...

CARLOS.

Esperc lá... o negocio não vae assim; primeiro hão de cumprir-se as condições...

AMBROSIO.

Carlinho, dá-me esse papel?..

CARLOS.

Não póde ser...

AMBROSIO.

Dá-m' o, por quem és?..

CARLOS.

Peior é a sécca...

AMBROSIO.

Eis-me a teus pés. (*Ajoelha-se nesse mesmo tempo apparece á porta Florencia e Emilia, as quaes caminham para elle pé ante pé.*)

CARLOS.

Isso é teima... levante-se...

AMBROSIO.

· Não me levantarei... em quanto m' o não deres... para que o queres tu... farei tudo quanto quizeres... nada me custará para servir-te... Minha mulher fará tudo quanto ordenares... dispõe della.

FLORENCIA.

A senhora póde dispor de mim! pois não! .

AMBROSIO.

Ah!.. (*levanta-se espavorido.*)

CARLOS (*á parte*).

Temol-a...

FLORENCIA (*para Ambrosio*).

Que patifaria é essa? em minha casa, e ás minhas barbas, aos pés de uma mulher!. muito bem!..

AMBROSIO.

Florencia! ..

FLORENCIA.

Um dardo que te parta (*voltando-se para Carlos*); e quem é a senhora?

CARLOS (*com a cara baixa*).

Sou uma desgraçada!..

FLORENCIA.

Ah! é uma desgraçada... seduzindo um homem casado!.. não sabe que!

(*Carlos, que encara com ella, que rapidamente tem suspendido a palavra, e como assombrada, principia a olhar para elle, que ri-se*).

FLORENCIA.

Carlos!.. meu sobrinho!..

EMILIA.

O primol..

CARLOS.

Sim, tiasinha; sim priminha!..

FLORENCIA.

Que mascarada é essa?..

CARLOS.

E' uma comedia que ensaiavamos para sabbado de Alleluia.

FLORENCIA.

Uma comedia?!..

AMBROSIO.

Sim, era uma comedia... um divertimento... uma surpresa.. Eu e o sobrinho arranjavamos

issò.. bagatellà. não é assim Carlinho? Mas então voces não ouviram o officio até o fim?.. quem prégou?.

FLORENCIA (*á parte*).

Isto não é natural!. aqui ha cousa..

AMBROSIO.

A nossa comedia era mesmo sobre isso. .

FLORENCIA.

O que está o senhor a dizer?

CARLOS (*á parte*).

Perdeo a cabeça (*para Florencia*). Tia, basta que saiba que era uma comedia... e antes de principiar o ensaio.. O tio deo-me a sua palavra que eu não seria frãde; não é verdade, tio?.

AMBROSIO.

E' verdade! O rapaz não tem inclinação, e para que obrigál-o?.. seria crueldade...

FLORENCIA.

Ah!.

CARLOS.

E que a prima não seria tambem freira, e que se casaria comigo...

FLORENCIA.

E' verdade, Sr. Ambrosio?..

AMBROSIO.

Sim, para que constranger estas duas almas; nas-

ceram um para o outro... amam-se!... é tão bonito ver um tão lindo par.

FLORENCIA.

Mas, Sr. Ambrosio, e ó mundo, que o senhor dizia que era um pelago... um sorvedouro... e não sei o que mais...

AMBROSIO.

Oh! então eu não sabia que estes dous pombinhos se amavam; mas agora que o sei, seria horrivel barbaridade. Quando se fecham as portas de um convento sobre um homem, ou sobre uma mulher, que leva dentro do peito uma paixão como resentem estes dous innocentes... torna-se o convento abysmo incommensuravel de acerbos males, fonte perenne de horrisonas desgraças. perdição do corpo, e da alma; e o mundo, se n'ella ficassem, jardim ameno... suave encanto da vida... tranquilla paz da innocencia. paraíso terrestre... E assim sendo, mulhier, quererias tu que sacrificasse tua filha, e teu sobrinho...

FLORENCIA.

Oh! não, não...

CARLOS (*á parte*).

Que grande patife!.

AMBROSIO.

Tua filha, que faz parte de ti?..

FLORENCIA.

Não fallemos mais nisso. O que fizeste está muito bem feito...

CARLOS.

E em reconhecimento de tanta bondade, faço secção de metade dos meus bens em favor do senhor meu tio, e aqui lhe dou a escriptura (*dá-lhe a certidão de Rosa*):

AMBROSIO (*saltando para tomar a certidão*).

Caro sobrinho (*abraça-o*). E eu para mostrar o meu desinteresse rasgo esta escriptura (*rasga e á parte*). Respiro!..

FLORENCIA.

Homem generoso!.. (*abraça-o*)

AMBROSIO (*abraçando-a e á parte*).

Mulher toleirona.

CARLOS (*abraçando Emilia*).

Isto vai de roda...

EMILIA.

Primo!..

CARLOS.

Priminha, seremos felizes!..

FLORENCIA.

Abençoada seja a hora em que eu te escolhi para meu esposo!.. Meus caros filhos, aprendei comigo

a guiar-vos com prudencia na vida... dous annos estive viuva, e não me faltáram pretendentes.

Viuva rica!.. Ah! são vinte cães a um osso... Mas eu tive juízo, e criterio; soube distinguir o amante interesseiro do amante sincero; meu coração fallou por este homem honrado e probó.

CARLOS.

Acertadissima escolha!..

FLORENCIA.

Chega-te para cá, Ambrosinho; não te envergonhes... mereces os elogios que te faço.

AMBROSIO (*á parte*).

Estou em brasas!..

CARLOS.

Não se envergonhe, tio!.. Os elogios são merecidos... (*á parte*). Está em talas.

FLORENCIA.

Ouvês o que diz o sobrinho?.. Tens modestia?.. E' mais uma qualidade... Como sou feliz!..

AMBROSIO.

Acabemos com isso... os elogios assim á queima roupa, perturbam-me.

FLORENCIA.

Se os mereces..

AMBROSIO.

Embora!..

CARLOS.

Oh! o tio os merece!.. pois não!.. Olhe, tia, aposto eu que o tio Ambrosio em toda a sua vida só tem amado a tia?..

AMBROSIO.

De certo (*á parte*). Quer fazer-me alguma.

FLORENCIA.

Ai, vida da minh'alma!

AMBROSIO (*á parte*).

O patife é muito capaz...

CARLOS.

Mas nós, os homens, somos tão falsos; assim dizem as mulheres... que não admira que o tio...

AMBROSIO (*interrompendo-o*).

Carlos, tratemos da promessa que te fiz.

CARLOS.

E' verdade; tratemos da promessa (*A parte*). Tem medo que se pella...

AMBROSIO.

Irei hoje mesmo ao convento fallar ao D. Abba-de, e dir-lhe-hei que temos mudado de resolução a teu respeito... e de hoje a quinze dias, senhora, espero ver esta sala brilhantemente illuminada, e cheia de alegres convidados para celebrarem o casamento de nosso sobrinho Carlos com minha cara

enteada. (*Aqui entra pelo fundo o Mestre dos Novinhos, seguido dos meirinhos e permanentes, encaminhando-se para a frente do theatro*).

CARLOS.

Emquanto assim praticardes, tereis em mim um amigo.

EMILIA.

Senhor, ainda que não possa explicar a razão de tão subita mudança, aceito a felicidade que me propodes sem raciocinar; darei a minha mão a Carlos. não só para obedecer a minha mãe, como porque muito o amo...

CARLOS.

Cara priminha! quem será capaz agora de arrancar-me de teus braços?

MESTRE (*batendo-lhe no hombro*).

Estaes preso (*Espanto dos que estão em scena*).

SCENA VI

CARLOS.

O que é lá isso?.. (*debatendo-se logo que o agarram*).

MESTRE.

Levai-o...

CARLOS.

Deixem-me.

FLORENCIA.

Reverendissimo, meu sobrinho...

MESTRE.

Paciencia, senhora, levem-no...

CARLOS (*debatendo-se*).

Larguem-me com todos os diabos.

EMILIA.

Primo!..

MESTRE.

Arrastem-no...

AMBROSIO.

Mas, senhor!..

MESTRE.

Um instante... para o convento... para o convento...

CARLOS.

Minha tia, tio Ambrosio! (*Sahe arrastado.*)

(*Emilia cahe sentada em uma cadeira, o Padre Mestre fica em scena.*)

SCENA VII.

(*Ambrosio, Mestre de Noviços, Florencia e Emilia*).

FLORENCIA.

Mas, senhor, isto é uma violencia.

MESTRE.

Paciencia.

FLORENCIA.

Paciencia?.. paciencia?.. Creio que tenho tido

bastante... ver assim arrastar meu sobrinho, como se fosse um criminoso?..

AMBROSIO.

Espera, Florencia, ouçamos o Rvm.⁴ ; foi sem duvida por ordem do Snr. D. Abbade, que V. Rvm.³ veio prender nosso sobrinho?..

MESTRE.

Não tomára sobre mim tal trabalho, se não fôra por expressa ordem do D. Abbade, a quem devemos todos obediencia.

AMBROSIO.

V. Rvm.³ faz o seu dever... estou disso bem certo...

FLORENCIA.

Mas julgamos necessario declarar a V Rvm.³ que estamos resolvidos a tirar nosso sobrinho do convento.

MESTRE.

Nada tenho eu com essa resolução... V S.³ entender-se-ha a esse respeito com o D. Abbade...

FLORENCIA.

O rapaz não tem inclinação nenhuma para frade.

AMBROSIO.

E seria uma crueldade violentar-lhe o genio...

MESTRE.

O dia em que o Snr. Carlos sahir do convento, será para mim dia de descanso : ha doze annos que

sou Mestre de Noviços, e ainda não tive para doutrinar rapaz mais endiabrado... Não se passa um só dia em que se não tenha de lamentar alguma travessura d'esse moço... Os Noviços seus companheiros, os irmãos leigos, e os domesticos do convento, temem-no como se teme a um touro bravo... Com todos moteja, e a todos espanca...

FLORENCIA.

Foi sempre assim desde pequeno.

MESTRE.

E se o conheciam, senhores, para que o obrigaram a entrar no convento?.. a seguir uma vida em que se requer tranquillidade de genio?..

FLORENCIA.

Oh! não foi por meu gosto, meu marido é que persuadiu-me..

AMBROSIO (*com hypocrisia*).

Julguei assim fazer um serviço agradável a' Deos.

MESTRE.

Deos, senhores, não se compraz com sacrificios alheios... Sirva-o cada um com seu corpo e alma, porque cada um responderá pelas suas obras!..

AMBROSIO (*com hypocrisia*).

Pequei, Rym., pequei... humilde peço perdão...

MESTRE.

Esse moço foi violentamente constrangido, e o resultado é a confusão em que está a casa de Deus!!..

FLORENCIA.

Mil perdões, Rvin.º, pelo incommodo que lhe temos dado...

MESTRE.

Incomodos?.. para elles nascemos nós... passam despercebidos, e de mais ficam de muros para dentro... Mas hoje houve escandalo, e escandalo publico.

AMBROSIO.

Escandalo publico?..

FLORENCIA.

Como assim?

MESTRE.

O Noviço Carlos, depois de uma contenda com o D. Abbade, deo-lhe uma cabeçada, e o lançou por terra. .:

FLORENCIA.

Jesus, Maria, José!!!..

AMBROSIO.

Que sacrilegio!!..

MESTRE.

E fugio ao merecido castigo... Fui mandado em seu alcance... requisitei força publica, e aqui chegando, encontrei uma senhora.

FLORENCIA.

Aqui uma senhora?..

MESTRE.

E que se dizia sua tia...

FLORENCIA.

Ai!..

AMBROSIO.

Era elle mesmo.

MESTRE.

Vá ouvindo como esse moço zombou de seu Mestre... Disse-me a tal senhora... pois tal a suppunha eu... Ora facil foi enganar-me... além de ter má vista, tenho muito pouca pratica de senhoras...

AMBROSIO.

Sabemos disso.

MESTRE.

Disse-me a tal senhora que o Noviço Carlos estava naquelle quarto.

AMBROSIO.

Naquelle quarto?!..

MESTRE.

Sim, senhor; e ali mandou-nos esperar em silencio. . Chamou pelo Noviço, e assim que elle sahio lançámo-nos sobre elle, e á força o arrastámos para o convento.

AMBROSIO (*assustado*).

Mas a quem, senhor, a quem?..

MESTRE.

A quem?

FLORENCIA.

Que trapalhada é essa?..

AMBROSIO.

Depressal..

MESTRE.

Ceguei ao convento, apresentei-me diante do D. Abbade, com o Noviço prisioneiro, e então... ah!...

AMBROSIO.

Por Deos, mais depressa.

MESTRE.

Ainda me t̃m cõro de vergonha: então conheci que tinha sido vilmente enganado..

AMBROSIO.

Mas quem era o Noviço preso?

MESTRE.

Uma mulher vestida de frade!

FLORENCIA.

Uma mulher!?

AMBROSIO (*à parte*).

E' ella.

MESTRE.

Que vergonha, que escandalo!

AMBROSIO.

Mas onde está essa mulher? para onde foi?... o que disse?... onde está?... responda...

MESTRE.

Tende paciência.. Pintar-vos a confusão em que por alguns instantes estive o convento, é quasi impossivel... O D. Abbade ao conhecer que o Noviço preso era uma mulher, pelos longos cabellos que ao tirar o chapéo lhe cahiram sobre os hombros, deo um grito de horror... Toda a communitade occorreo... e grande foi então a confusão.. Um gritava sacrilegio!.. profanação!.. Outro ria-se; este interrogava; aquelle respondia ao acaso... Em menos de dois segundos a noticia percorreo todo o convento, mas alterada e augmentada. . . No refeitório dizia-se que o diabo estava no coro dentro dos canudos do orgão; na cosinha julgava-se que o fogo lavrava nos quatro angulos do edificio... Qual pensava que o D. Abbade tinha cahido da torre abaixo... qual que fôra arrebatado para o céo... Os sineiros, correndo para as torres, puchavam como energumenos pelas cordas dos sinos. os porteiros fecharam as portas com horrivel estrondo : os responsos soaram de todos os lados... e a algazarra dos Noviços dominava esse ruido infernal, causado por uma unica mulher... O' mulheres!!..

FLORENCIA.

Que confusão, meu Deos!?

AMBROSIO.

Mas essa mulher? essa mulher? O que é feito della?..

MESTRE.

Uma hora depois, que tanto foi preciso para acalmar a agitação, o D. Abbade perguntou-lhe como ella alli se achava vestida com o habito da ordem.

AMBROSIO.

E ella que disse?

MESTRE.

Que tinha sido trahida por um frade, que debaixo do pretexto de a salvar trocára o seu vestido pelo habito que trazia...

AMBROSIO.

E nada mais?..

MESTRE.

Nada mais, e fui encarregado de prender de novo a todo o custo o Noviço Carlos... e tenho cumprido a minha missão... O que ordenam a este servo de Deos?..

AMBROSIO.

Espere, Rvm.º, essa mulher já sahio do convento?..

MESTRE.

No convento não se demoram mulheres.

AMBROSIO.

Que caminho tomou?.. para onde foi?.. o que disse ao sahir?..

MESTRE.

Nada sei...

AMBROSIO (*á parte*).

O que me espera!

FLORENCIA (*á parte*).

Aqui ha segredo!

MESTRE.

As vossas determinações.

FLORENCIA.

Uma serva de V. Rvm.

MESTRE (*para Florencia*).

Quanto á sahida de seu sobrinho do convento,
com o D. Abbade se entenderá...

FLORENCIA.

Nós o procuraremos. (*Mestre sahe, e Florencia
acompanha-o até á porta; Ambrosio está como abys-
mado*).

SCENA VIII.

Emilia, Ambrosio e Florencia.

EMILIA (*á parte*).

Carlos, Carlos! o que será de ti e de mim!..

AMBROSIO (*á parte*).

Se ella agora apparecel., Se Florencia descon-
fia... estou mettido em boaz!.. como evitar...

como?.. Oh! decididamente, estou perdido... se a
podesse encontrar... talvez supplicas, ameaças...
quem saber!.. Já não tenho cabeça... que farei?..
de uma hora para outra apparece-me ella. (*Floren-
cia bate-lhe no hombro.*) Eil-a... (*Assustando-se.*)

FLORENCIA.

Agora nós (*para Emilia*). Menina, vai para deu-
tro. (*Vae-se Emilia*).

SCENA IX.

Ambrosio, e Florencia.

AMBROSIO (*á parte*).

Temos trovoadas grossas.

FLORENCIA.

Quem era a mulher que estava naquelle quarto?

AMBROSIO. -

Não sei...

FLORENCIA.

Sr. Ambrosio, quem era a mulher que estava
naquelle quarto?..

AMBROSIO.

Florencia, já te disse, não sei; são cousas de
Carlos. .

FLORENCIA.

Sr. Ambrosio, quem era a mulher que estava
naquelle quarto?..

AMBROSIO.

Como queres que eu t'o diga, Florencinha?..

FLORENCIA.

Ah! não sabe?.. pois bem!.. então explique-me ; porque razão mostrou-se tão espantado quando Carlos o levou á porta d'aquelle quarto? e mostrou-lhe quem estava dentro?

AMBROSIO.

Pois eu espantei-me?

FLORENCIA.

A ponto de levar-me quasi de rastos para a igreja, sem chapéo; lá deixar-me, e voltar para casa apressado..

AMBROSIO.

Qual?. foi por...

FLORENCIA.

Não estude uma mentira; diga depressa.

AMBROSIO.

Pois bem, direi, eu conheço essa mulher?..

FLORENCIA.

Ah! e então quem é ella?..

AMBROSIO.

Queres saber quem é ella?.. é muito justo... mas ahi é que está o segredo.

FLORENCIA.

Segredos comigo?..

AMBROSIO.

Oh! contigo não póde haver segredo... és a minha mulherzinha... (*quer abraçá-la*).

FLORENCIA.

Tenha-se lá; quem era a mulher...

AMBROSIO (*á parte*).

Não sei o que lhe diga!..

FLORENCIA.

Vamos!..

AMBROSIO.

Essa mulher... sim, essa mulher que ha pouco estava naquelle quarto... foi amada por mim!!..

FLORENCIA.

Por fi?!..

AMBROSIO.

Mas nota que digo, foi amada; e o que foi, já não é...

FLORENCIA.

Seu nome?..

AMBROSIO.

Seu nome?.. que importa o nome?.. O nome é uma voz com que se dão a conhecer as cousas... nada vale... o individuo é tudo... tratemos do individuo (*á parte*); não sei como continuar.

FLORENCIA.

Então, e que mais?

AMBROSIO.

Amei a essa mulher; amei, sim amei; essa m-

lher foi por mim amada... mas então ainda não te conhecia. Oh! e quem ousará criminar a um homem por embellezar-se de uma estrella antes de ver a lua?.. quem? Ella era a estrella, e tu és a lua; sim, minha Florencinha, tu és a minha lua cheia, e eu sou teu stellite...

FLORENCIA.

Oh! não me convence assim...

AMBROSIO (*á parte*).

O diabo que cõvença a uma mulher... (*alto*.) Florencinha, encanto da minha vida, estou diante de ti, como diante do confessorio... com uma mão sobre o coração e com a outra, ondè queres que ponha a outra?

FLORENCIA.

Ponha lá aonde quizer...

AMBROSIO.

Pois bem, com ambas sobre o coração, dir-te-hei, só tu és o meu unico amor, minhas delicias, minha vida (*á parte*), e minha burra.

FLORENCIA.

Se eu podesse acreditar...

AMBROSIO.

Não podes, porque não queres... basta um bocado de boa vontade... se fiquei atterrorisado ao ver essa mulher, foi por prever os desgostos que terias se ahí a visses...

FLORENCIA.

Se teme que eu a veja, é porque ainda a ama.

AMBROSIO.

Amá-la eu?.. Ah! desejava que ella estivesse mais longe de mim, do que o cometa que appareceu o anno passado.

FLORENCIA.

Oh! meu Deos!.. se eu pudesse crêr!..

AMBROSIO (*á parte*).

Está meia convencida!..

FLORENCIA.

Se eu o pudesse crêr!.. (*Rosa entra vestida de frade pelo fundo; pára e observa.*)

AMBROSIO (*com animação*).

Estes raios brilhantes, e avelludados de teus olhos, offuscam o seu olhar acanhado e esgateado. Estes negros e finos cabellos varrem da minha idéa as suas emmaranhadas melenas côr de fogo. Esta mão-zinha torneada (*pega-lhe na mão*); este collo gentil; esta cintura flexivel e delicada... fazem-me esquecer os grosseiros encantos dessa mulher que. (*Neste moment dá com os olhos em Rosa; vai recuando pouco a pouco*).

FLORENCIA.

O que tens?.. de que te espantas?..

ROSA (*adiantando-se*).

Senhora, este homem pertence-me!

FLORENCIA.

E quem é V. Rvm.^a . .

ROSA (*tirando o chapéo que faz cahir os cabellos*).

Sua primeira mulher!

FLORENCIA.

Sua primeira mulher?!!

ROSA (*dando-lhe a certidão*).

Leial (*para Ambrosio*). Conheceis-me, senhor?..
Ha seis annos que nos não vemos . . E quem diria
que assim nos encontrariamos?.. nobre foi o vosso
proceder . . oh! para que não enviastes um assassi-
no para esgotar o sangue destas veias, e arrancar a
alma deste corpo?! . . assim devieis ter feito, porque
então, eu não estaria aqui para vingar-me! . . trai-
dor!

AMBROSIO (*á parte*).

O melhor é deitar a fugir . . (*corre para o fundo*).
(*Prevenção*).

ROSA.

Não o deixem fugir . . (*apparecem á porta meiri-
nhos, os quaes prendem Ambrosio*).

MEIRINHO.

Está preso! . . .

AMBROSIO.

Ail (*Corre por toda a casa, etc.; em quanto isto
se passa, Florencia tem lido a certidão*).

FLORENCIA.

Desgraçada de mim!. estou trahida! quem me soccorrel.. (*Vai para sahir, encontra-se com Rosa.*)
Ah!.. para longe, para longe de mim (*recuando*).

ROSA.

Senhora!.. a quem pertencerá elle?..

(*Execução.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

Acto 'Terceiro.

Quarto em casa de Florencia, mesa, cadeiras, etc., etc.; armario, uma cama grande com cortinados, uma mesa pequena com um castiçal com vela acesa. E' noite.

SCENA I.

(Florencia deitada, Emilia sentada junto della, Juca vestido de calça, brincando com um carrinho pela sala.)

FLORENCIA.

Meu Deos! meu Deos!. que bulha faz este menino . .

EMILIA.

Maninho, estais fazendo muita bulha a mamãi.

FLORENCIA.

Minha cabeça!.. vai correr lá para dentro.

EMILIA.

Anda, vai para dentro . . . vai para o quintal . . .
(Juca sahe com o carrinho).

FLORENCIA.

Parece que me estala a cabeça... são umas martelladas aqui nas fontes . . . ai . . . que não posso... morro desta . . .

EMILIA.

Minha mãe. não diga isso. seu incommodo
passará...

FLORENCIA.

Passará!.. morro!.. morro! (*chorando.*) Hi, etc.

EMILIA.

Minha mãe...

FLORENCIA (*chorando*).

Ser assim trahida!.. enganada!.. Meu Deus!..
quem póde resistir... hi, hi...

EMILIA.

Para que tanto se afflige?.. que remedio?.. ter
paciencia e resignação.

FLORENCIA.

Um homem em quem havia posto toda a minha
confiança... que eu tanto amava. Emilia, eu o
amava muito.

EMILIA (*á parte*).

Coitada!..

FLORENCIA.

Enganar-me deste modo! tão indignamente, ca
sado com outra mulher. .. Ah! não sei como não
arrebento.

EMILIA.

Tranquillise-se minha mãe.

FLORENCIA.

Que eu suppunha desinteressado... entregar-lhe

todos os meus bens... assim illudir-me... que malvado!.. que malvado!..

EMILIA.

São horas de tomar o remedio.. (*Toma uma garrafa de remedio, deita-o em uma chicara, e dá a Florencia*).

FLORENCIA.

Como os homens são falsos... uma mulher não era capaz de... cometer acção tão indigna... O que é isso?

EMILIA.

O cosimento que o doutor receitou...

FLORENCIA.

Dá cá (*bebe*). Ora de que servem esses remedios, não fico boa... a ferida é no coração...

EMILIA.

Ha de curar-se...

FLORENCIA.

Olha filha, quando eu vi diante de mim essa mulher, senti uma revolução que te não sei explicar... um atordoamento... uma zoadada, que ha oito dias me tem pregado nesta cama.

EMILIA.

Eu estava no meu quarto quando ouvi gritos na sala... sahi apressada, e no corredor encontrei-me com meu padrasto.

FLORENCIA.

Teu padrasto!..

EMILIA.

Que passando como uma flexa por diante de mim, dirigio-se para o quintal, e saltando o muro, desapareceu... corri para a sala...

FLORENCIA.

E ahi encontraste-me banhada em lagrimas; ella já tinha sahido, depois de ameaçar-me... ah! mas eu hei de ficar boa para vingar-me.

EMILIA.

Sim, é preciso ficar boa para vingar-se.

FLORENCIA.

Hei de ficar; não vale a pena morrer por um traste daquelle.

EMILIA.

Que duvidal. .

FLORENCIA.

O meu procurador disse-me que o tratante está escondido, mas que já ha mandado de prisão contra elle... Deixa estar; enganar-me! obrigar-me a que te fizesse freira... constranger a inclinação de Carlos.

EMILIA.

O' minha mãe, tenha pena do primo... o que não terá elle soffrido... coitado!..

FLORENCIA.

Já esta manhã mandei fallar ao D. Abbade por pessoa de consideração... e além disso tenho uma carta que lhe quero remetter, pedindo-lhe que me faça o obsequio de aqui mandar um frade respeitavel para de viva voz tratar comigo este negocio...

EMILIA.

Sim, minha boa mãisinha...

FLORENCIA.

Chama o José...

EMILIA (*chamando*).

José? José?.. E a mamãi julga que o primo poderá estar em casa hoje?

FLORENCIA.

E's muito impaciente... chama o José.

EMILIA.

José?

SCENA II.

As mesmas e José.

JOSÉ.

Minha senhora.

FLORENCIA.

José, leva esta carta ao convento, onde está o Sr. Carlos, sabes?

JOSÉ.

Sei, minha senhora.

FLORENCIA.

Procura pelo Snr. D. Abbade, e lh'a entrega de
minha parte. .

JOSÉ.

Sim, minha senhora.

EMILIA.

Depressal. (*Sahe José.*)

FLORENCIA.

Ai, ai.

EMILIA.

Tomára vê-lo já . . .

FLORENCIA.

Emilia, amanhã lembra-me para pagar as solda-
das que devemos ao José, e despedil-o do nosso ser-
viço . . . foi mettido aqui em casa pelo tratante, e só
por esse facto já desconfio delle . . . lé com lé, cré com
cré. nada!.. póde ser algum espião que tenha-
mos em casa. .

EMILIA.

Elle parece-me bom moço . . .

FLORENCIA.

Tambem o outro parecia-me bom homem . . . Já
não me fio em apparencias.

EMILIA.

Tudo póde ser . . .

FLORENCIA.

Vai ver aquillo lá por dentro como anda, que

minhas escravas pilhando-me de cama fazem mil diabruras..

EMILIA.

E fica só?..

FLORENCIA.

Agora estou melhor.. e se precisar de alguma cousa, tocarei a campinha. (*Sahe Emilia.*)

SCENA III.

FLORENCIA só.

Depois que mudei a cama para este quærto que foi do sobrinho Carlos, passo melhor. . . no meu, todos os objectos faziam-me recordar aquelle perfido... Ora os homens são capazes de tudo... até de terem duas mulheres.. e tres, e quatro... e duas duzias.. que demonios! Ha oito dias que estou nesta cama. . . antes tivesse morrido.. E ella, essa mulher infame. . . onde estará?.. é outra que tal.. oh! mas que culpa tem ella?.. Mais tenho eu, já que fui tão tola! tão tola, que casei-me sem indagar quem elle era... queira Deos que este exemplo aproveite a muitas incautas. . . Patife, agora anda escondido. . . ai. . . estou cansada. . . (*deita-se*); mas não escapará da cadêa... seis annos de cadêa... assim me disse o procurador. . . ai minha cabeça.. Se eu pudesse dormir um pouco. . . ai... ai. . . as mulheres neste mundo... estão sugeitas... a... muito... ah!.. (*dorme.*)

SCENA IV

(Carlos entra pelo fundo apressado, traz o habito roto e sujo.)

CARLOS.

Não ha grades que me prendam... nem muros que me retenham... arrombei grades... saltei muros, e eis-me aqui de novo. e lá deixei parte do habito... esfolei os joelhos, e as mãos... estou em bello estado. Ora para que atacam comigo? por fim, lanço fogo ao convento, e morrem todos os frades assados. e depois queixem-se... Estou no meu antigo quarto... ninguem me vio entrar... Ah!.. que cama é esta?... é da tia... estará... ah!.. é ella.. e dorme... mudou de quarto?.. O que se terá passado n'esta casa ha 8 dias... estive preso, incommunicavel a pão e agua... ah!.. frades!.. nada sei.. O que será feito da primeira mulher do senhor meu tio?. desse grande patife. . ondè estará a prima?.. Como dorme... ronca que é um regalo (*batem palmas*). Bateia!.. serão elles... não tem duvida... eu acabo por matar um frade...

MESTRE (*dentro*).

Deos esteja nesta casa...

CARLOS.

E' o Padre Mestre, já deram pela minha fugida...

MESTRE (*dentro*).

Dá licença?

CARLOS.

Não sou eu de certo que t'a hei de dar... Escondamo-nos, mas de modo que ouça o que elle diz... debaixo da cama (*esconde-se*).

MESTRE (*dentro batendo com força*).

Dá licença? .

FLORENCIA (*acordando*).

Quem é?.. quem é?..

MESTRE (*dentro*).

Um servo de Deos...

FLORENCIA.

Emília?.. Emilia?.. (*toca a campainha*.)

SCENA V

Entra Emilia.

EMILIA.

Minha mãe.

FLORENCIA.

Lá dentro estão todos surdos?.. vai ver quem está na escada batendo. (*Emilia sahe pelo fundo*.)
Acordei sobresaltada... estava sonhando que o meu primeiro marido enforcava o segundo... e era muito bem enforcado...

SCENA VI.

Entra Emilia com o Padre Mestre.

EMILIA.

Minha mãe, é o Sr. Padre Mestre (*á parte*); ave de agouro.

FLORENCIA.

Ah!..

MESTRE.

Desculpe-me, minha senhora!..

FLORENCIA.

O Padre Mestre é que me ha de desculpar, se assim o recebo (*senta-se na cama*).

MESTRE.

Oh! esteja a seu gosto... já por lá sabe-se dos seus incommodos... toda a cidade o sabe; tribulações deste mundo...

FLORENCIA.

Emilia, oferece uma cadeira ao Rvm.º

MESTRE.

Sem incommodo (*senta-se*).

FLORENCIA.

O Padre Mestre veio fallar comigo por mandado do Sr. D. Abbade?..

MESTRE.

Não, minha senhora...

FLORENCIA.

Não? pois eu lhe escrevi.

MESTRE.

Aqui venho pelo mesmo motivo que já vim duas vezes.

FLORENCIA.

Como assim?..

MESTRE.

Em procura do Noviço Carlos... Ah! que rapaz!..

FLORENCIA.

Pois tornou a fugir?

MESTRE.

Se tornou... é indomavel... foi mettido no carcere a pão e agua.

EMILIA.

Desgraçado!..

MESTRE.

Ah! a menina lastima-o?... Já me não admira que elle faça o que faz.

FLORENCIA.

O Padre Mestre dizia...

MESTRE.

Que estava no carcere a pão e agua, mas o indemoninhado arrombou as grades, saltou na horta, vîngou o muro da cerca que deita para a rua, e poz-se a pannos.

FLORENCIA.

Que doudo . . . e para onde foi? . . .

MESTRE.

Não sabemos, mas julgamos que para aqui se dirigio.

FLORENCIA.

Posso afiançar a V. Rvm.^a, que por cá ainda não appareceo. (*Carlos, bota a cabeça, de fóra e puxa pelo vestido de Emilia.*)

EMILIA (*assustando-se*).

Ai.

FLORENCIA.

O que é menina? . .

MESTRE (*levantando-se*).

O que foi? .

EMILIA (*vendo Carlos*).

Não foi nada não senhora . . . um geito que dei no pé . . .

FLORENCIA.

Tem cuidado . . . assente-se Rvm.^o . . mas como lhe dizia; o meu sobrinho cá não appareceo, desde o dia que o Padre Mestre o levou prezo ainda o não vi, não sou capaz de faltar á verdade.

MESTRE.

Oh! nem tal supponho. . e demais V. S. como boa parenta que é . . . deve contribuir para a sua correc-

ção.. esse moço tem revolucionado todo o convento. e é preciso um castigo exemplar...

FLORENCIA.

Tem muita razão!.. mas eu já mandei fallar ao Snr. D. Abbade, para que meu sobrinho sahisse do convento....

MESTRE.

E o D. Abbade está a isso resolvido... nós todos nos temos empenhado... O Snr. Carlos faz-nos loucos.. sahirá do convento... porém antes será castigado...

CARLOS.

Veremos.

FLORENCIA (*para Emilia*).

O que é?

EMILIA.

Nada, não senhora...

MESTRE.

Não por elle, que estou certo que não se emendará.. mas para exemplo dos que lá ficam, do contrário todo o convento abalava...

FLORENCIA.

Como estão resolvidos á despedir meu sobrinho do convento, e o castigo que lhe querem impor, é tão somente exemplar, e elle precisa um pouco... dou minha palavra a V. Rym.^a que assim que elle aqui apparecer, mandarei agarral-o, e levar para o convento.

CARLOS.

Isso tem mais que se lhe diga...

MESTRE (*levantando-se*).

Mil graças minha senhora

FLORENCIA.

Isto mesmo terá a bondade de dizer ao Snr. D. Abbade, a cujas orações me recommendo...

MESTRE.

Serei fiel comprador... dê-me as suas determinações...

FLORENCIA.

Emilia, conduz o Padre Mestre.

MESTRE (*para Emilia*).

Minha menina, muito cuidado com o Snr. seu primo. não se fie nelle... julgo capaz de tudo. (*sahe.*)

EMILIA (*voltando*).

Vá encommendar defuntos.

SCENA VII.

(*Emilia, Florencia, e Carlos debaixo da cama.*)

FLORENCIA.

Então que te parece teu primo Carlos, é a terceira fugida que faz, isto assim não é bonito...

EMILIA.

E para que o prendem?

FLORENCIA.

Prendem-no por que elle foge.

EMILIA.

E elle foge por que o prendem

FLORENCIA.

Bello argumento! . . . é mesmo dessa cabeça.

(Carlos puxa pelo vestido de Emilia).

FLORENCIA.

Mas o que tens tu?

EMILIA.

Nada, não senhora . . .

FLORENCIA.

Se elle aqui apparecer hoje, ha de ter paciencia, irá para 'o convento, ainda que seja amarrado . . . é preciso quebrar-lhe o genio . . . estais a mexer-te?.

EMILIA.

Não senhora.

FLORENCIA.

Queira Deos que elle se emende . . . ; mas que tens tu Emilia, tão inquieta.

EMILIA.

São coegas na solla dos pés . . .

FLORENCIA.

Ah! isso são caimbras; bate com o pé assim, estas melhor

EMILIA.

Vai passando.

FLORENCIA.

O sobrinho é estouvado, mas nunca te dará os desgostos que me deu o Ambro. . . , nem quero pronunciar o nome, e tu não te aquietas. . . bate com o pé.

EMILIA (*affastando-se da cama*).

Não posso estar quieta no mesmo lugar (*á parte*).
Que louco! . .

FLORENCIA.

Estou arrependida de ter escripto. (*Entra José*)
Quem vem ahí?

SCENA VIII.

Os mesmos e José

EMILIA.

E' o José.

FLORENCIA.

Entregaste a carta? . .

JOSÉ.

Sim minha senhora. . . e o Snr. D. Abbade mandou comigo um Rym., que ficou na sala á espera

FLORENCIA.

Fa-lo entrar (*sahe o creado*). Emilia, vai para dentro, já que um Rvm.^o teve o incommodo de cá vir, quero aproveitar a occasião, e confessar-me; posso morrer. .

EMILIA.

Ah!

FLORENCIA.

Anda, vai para dentro, e não te assustes. (*Sahe Emilia.*)

SCENA IX.

FLORENCIA (*só*).

A ingratidão d'aquelle monstro, assassinou-me; bom é ficar tranquilla com a minha consciencia.

SCENA X.

(*Ambrosio com habito de frade, entra, seguindo José*)

CREADO.

Aqui está a senhora.

AMBROSIO (*á parte*).

Retira-te e fecha a porta (*dá-lhe dinheiro*).

CREADO (*á parte*).

Que lá se avenham . a paga cá está.

SCENA XI.

FLORENCIA.

V. Rym. póde aproximar-se, queira assentar-se.
(*senta-se.*)

AMBROSIO (*fingindo que tosse*).

Um, um, um. (*Carlos espreita debaixo da cama.*)

FLORENCIA.

Escrevi, para que viesse uma pessoa fallar-me, e
V. Rym.^a quiz ter a bondade de vir...

AMBROSIO.

Hum, um, um...

CARLOS (*á parte*).

O diabo do frade está endefluxado.

FLORENCIA.

E era para tractarmos do meu sobrinho Carlos,
mas já não é preciso... aqui esteve o Padre Mestre:
sobre isso fallámos, está tudo justo!. e sem duvi-
da V. Rym.^a já está informado?...

AMBROSIO (*o mesmo*).

Um, um, um...

FLORENCIA.

V. Rym.^a está constipado, talvez o frio da noite...

AMBROSIO (*disfarçando a voz*).

Sim, sim!

FLORENCIA.

Muito bem.

CARLOS (*á parte*).

Não conheci esta voz no convento..

FLORENCIA.

Mas, para que V. Rvm.^a não perdesse de todo o seu tempo, se quizesse ter a bondade de ouvir-me em confissão...

AMBROSIO.

Ah!... (*vai fechar as portas*)

FLORENCIA.

Que faz, senhor?.. feicha a porta? ninguem nos ouve...

CARLOS (*á parte*).

O frade tem más tenções! ..

AMBROSIO (*disfarçando a voz*).

Por cautella.

FLORENCIA.

Assente-se (*á parte*). Não gosto muito d'isto (*alto*). Rvm.^a, antes de principiarmos a confissão, julgo necessario informar-lhe que eu fui casada duas vezes, a primeira com um santo homem, e a segunda com um demonio!..

AMBROSIO.

Um, um, um...

FLORENCIA.

Um homem sem honra, e sem fé em Deos; um malvado; cazou-se comigo quando ainda tinha mulher viva!. não é verdade Rvm.º, que esse homem vai direitinho para o inferno?...

AMBROSIO.

Um, um, um...

FLORENCIA.

Oh! mas enquanto não vai para o inferno, ha de pagar nesta vida... ha uma ordem de prisão contra elle... e o malvado não ouza apparecer?

AMBROSIO (*levantando-se, e tirando o capuz*).

E quem vos disse que elle não ouza apparecer?..

FLORENCIA (*fugindo da cama*).

Ah!

CARLOS (*á parte*).

O senhor meu tio!...

AMBROSIO.

Podeis gritar, as portas estão feichadas, preciso de dinheiro, e muito dinheiro para fugir desta cidade... e dar-mo-heis. se não!...

FLORENCIA.

Deixai-me!.. eu chamo por soccorro! ..

AMBROSIO.

Que me importa!.. sou criminoso, serei punido, pois bem. commetterei outro crime que me

póde salvar, dar-me-heis tudo quanto possuis, dinheiro, joias, tudo!.. e desgraçada de vós se não me obedeceis! a morte!..

FLORENCIA (*corre por toda a casa gritando*).

Socorro, socorro! ladrão, ladrão, socorro!

(*Escuro.*)

AMBROSIO (*seguindo-a*).

Silencio, silencio mulher!

CARLOS.

O caso está serio (*vai sahindo debaixo da cama no momento que Florencia atira com a meza no chão : ouve-se gritos fóra :— abra, abra.*)

FLORENCIA (*achando-se só, e no escuro, senta-se no chão, encolhe-se, e cobre-se com uma colxa*).

AMBROSIO (*procurando*).

Para onde foi?.. nada vejo.. .. batem nas portas, o que farei?.. ..

CARLOS (*á parte*).

A tia calou-se.. .. e elle aqui está.

AMBROSIO (*encontra-se com Carlos, e agarra-lhe no habito*).

Ah! mulher, estaes em meu poder; estas portas não tardarão a ceder: salvai-me, ou mato-te.

CARLOS (*dando-lhe uma bofetada*).

Tome lá senhor meu tio.

AMBROSIO.

Ah!.. (*cahe no chão.*)

CARLOS (*á parte.*)

Outra vez para a concha. (*Mette-se debaixo da cama.*)

AMBROSIO (*levantando-se.*)

Que mão!.. Continuam a bater. Onde escondermel.. que escuro?.. deste lado vi um armario... Ei-lo (*mette-se dentro.*)

SCENA XII.

(*Entram pelo fundo 4 homens armados, Jorge trazendo uma vela acenza.*)

(*Claro.*)

JORGE (*entrando.*)

Visinha, visinha, o que é, o que foi... não vejo ninguém (*dá com Florencia no canto*). Quem está aqui?..

FLORENCIA.

Ai.. ai..

JORGE.

Visinha, somos nós..

EMILIA (*dentro.*)

Minha mãe, minha mãe. (*Entra.*)

FLORENCIA.

Ah! é o visinho Jorge... e estes senhores? (*Levantando-se ajudada por Jorge.*)

EMILIA.

Minha mãe, o que foi?..

FLORENCIA.

Filha!..

JORGE.

Estava na porta de minha loja, quando ouvi gritar, socorro, socorro! conheci a voz da vizinha, e acudi com estes quatro amigos.

FLORENCIA.

Muito obrigado, vizinho, elle já se foi.

JORGE.

Elle quem?

FLORENCIA.

O ladrão.

TODOS.

O ladrão!..

FLORENCIA.

Sim, um ladrão vestido de frade; que me queria roubar e assassinar.

EMILIA (*para Florencia*).

Minha mãe.

JORGE.

Mas elle não teve tempo de sahir ; procuremos.

FLORENCIA.

Espere, vizinho, deixe-me sahir primeiro; se o encontrarem, deem-lhe uma boa arrochada, e levem-no prezo (*á parte*). Ha de me pagar... Vamos menina.

EMILIA (*para Florencia*).

E' Carlos, minha mãe, é o primo..

FLORENCIA (*para Emilia*).

Qual o primo, é elle, teu padrasto!..

EMILIA.

E' o primo.

FLORENCIA.

E' elle, é elle, vem; procurem-no bem visinhos, e páo nelle... anda, anda... (*Sahe com Emilia*).

SCENA XIII.

JORGE.

Amigos cuidado!.. procuremos tudo, o ladrão ainda não sahio d'aqui... venham atraz de mim, assim que elle apparecer, uma boa massada de páo, e depois pés e mãos amarradas, e guarda do thesouro com elle. Sigam-me... Aqui não está, vejamos atraz do armario (*vê*): nada... onde se esconderia, talvez debaixo da cama (*levantando o roda pé*). Oh! cá está elle (*dão bordoadas*).

CARLOS (*gritando*).

Ai, ai, não sou eu! não sou ladrão, ai, ai.

JORGE (*dando*).

Salta para fóra ladrão... salta, (*Carlos sahe para fóra gritando*) Não sou ladrão, sou de casa.

JORGE.

A elle, amigos...

(*Perseguem Carlos de bordoadas por toda a scena, por fim mette-se atrás do armario, e atira com elle no chão; gritos : ladrão.*)

SCENA XIV.

(*Jorge só, depois Florencia e Emilia.*)

JORGE.

Elles que o sigam... eu já não posso... O diabo esfollou-me a canella com o armario (*batendo na porta*). O' visinha, visinha?...

FLORENCIA (*entrando*).

Então, visinho?

JORGE.

Estava escondido debaixo da cama.

EMILIA.

Nao lhe disse?..

JORGE.

Demos-lhe uma boa massada de páo, e fugio por aquella porta, mas os amigos foram-lhe no alcance.

FLORENCIA.

Muito obrigada, visinho, Deos lhe pague...

JORGE.

Estimo que a visinha não tivesse maior incommodo.

FLORENCIA.

Obrigada! Deos lhe pague, Deos lhe pague.

JORGE.

Boa noite vizinha, mande levantar o armario que cahio.

FLORENCIA.

Sim senhor... Boa noite. (*Sabe Jorge.*)

SCENA XV.

(*Florencia e Emilia.*)

FLORENCIA.

Pagou-me.

EMILIA (*chorando*).

Então, minha mãe, não lhe disse que era o primo Carlos?

FLORENCIA.

E continuas a teimar?

EMILIA.

Se eu o vi atraz da cama.

FLORENCIA.

Ai!.. peor... era teu padrasto.

EMILIA.

Se eu o vi.

FLORENCIA.

Se eu lhe fallei... é boa teima.

SCENA XVI.

JUCA (*entrando*).

Mamãí, aquilla mulher do papá, quer-lhe fallar...

FLORENCIA.

O que quer essa mulher comigo? o que quer? (*resoluta*) diga que entre. (*Sahe Juca*).

EMILIA.

A mamãí vai affligir-se, no estado em que está.

FLORENCIA.

Bota aqui duas cadeiras... ella não tem culpa... (*Emilia chega uma cadeira.*)

FLORENCIA (*sentando-se*).

Vejamos o que quer... chega mais esta outra cadeira para aqui,.. bem, vae para dentro.

EMILIA.

Mas, se...

FLORENCIA.

Anda, uma menina não deve ouvir a conversa que vamos ter... Farei tudo para (*Emilia sahe*) perseguil-o.

SCENA XVII.

(*Entra Rosa; já vem de vestido*).

ROSA.

Dá licença?...

FLORENCIA.

Póde entrar.... queira ter a bondade de sentar-se (*senta-se*).

ROSA.

Minha senhora, a nossa posição é bem extraordinaria.

FLORENCIA.

E desagradavel no ultimo ponto.

ROSA.

Ambas casadas com o mesmo homem.

FLORENCIA.

E ambas com igual direito.

ROSA.

Perdoe-me, minha senhora; nossos direitos não são iguaes, sendo eu a primeira mulher...

FLORENCIA.

Oh! não fallo d'esse direito, não o contexto, direito de perseguil-o, quero eu dizer...

ROSA.

N'isso estou de acordo...

FLORENCIA.

Fui vilmente atraçoada.

ROSA.

E eu indignamente insultada.

FLORENCIA.

Atormentei meus filhos.

ROSA.

Contribui para a morte de minha mãe.

FLORENCIA .

Estragou grande parte de minha fortuna.

ROSA.

Roubou-me todos os meus bens.

FLORENCIA.

Oh! mas hei de vingar-me.

ROSA (*levantando-se*).

Havemos de vingar-mo-nos, senhora; e para isso aqui me acho.

FLORENCIA (*levantando-se*).

Explique-se.

ROSA.

Ambas fomos trahidas pelo mesmo homem, ambas servimos de degráo á sua ambição... E por ventura somos d'isso culpadas?

FLORENCIA.

Não.

ROSA.

Quando lhe dei eu a minha mão, poderia prever que elle seria um traidor? E vós, senhora, quando lhe d'esteis a vossa, que vos unieis a um infame?..

FLORENCIA.

Oh! não!..

ROSA.

E nós suas desgraçadas victimas nos odiaremos mutuamente, em vez de ligar-mo-nos para de cum-mum acordo perseguirmos o traidor?

FLORENCIA.

Senhora, nem eu, nem vós temos culpa do que se tem passado; quizera viver longe de vós... vossa presença aviva meus desgostos, porém farei, um esforço, aceito o vosso offercimento; unamo-nos, e mostraremos ao monstro o que podem duas fracas mulheres, quando se querem vingar....

ROSA.

Eu contava com vosco.

FLORENCIA.

Agradeço a vossa confiança....

ROSA.

Sou Provinciana, não possuo talvez a polidez da côrte, mas tenho paixões violentas, e resoluções promptas; aqui trago uma ordem de prisão contra o perfido, mas elle se esconde, os officiaes de justiça andam em sua procura.

FLORENCIA.

Aqui estive ha pouco.

ROSA.

Quem?

FLORENCIA.

O traidor.

ROSA.

Aqui, em vossa casa? e não vos assegurasteis d'elle?..

FLORENCIA.

E como?..

ROSA.

Ah! se eu aqui estivesse...

FLORENCIA.

Fugio; mas levou uma massada de páo.

ROSA.

E onde estará elle agora? aonde?

AMBROSIO (*arrebenta uma taboa do armario, põe a cabeça de fóra*) Ai que abafó!..

FLORENCIA } (*assustadas*) E' elle!!.
ROSA }

AMBROSIO (*com a cabeça de fóra*).

Oh! diabo cá estão ellas.

FLORENCIA.

E' elle! Como te achas ahi?

ROSA.

Estava espreitando-nos...

AMBROSIO.

Qual espreitando, tenham a bondade de levantar este armario.

FLORENCIA.

Para que?.

AMBROSIO.

Quero sahir ... já não posso... abafó, morro

ROSA.

Ah! não podes sahir, melhor.

AMBROSIO.

Melhor?

ROSA.

Sim melhor, por que estás em nosso poder...

FLORENCIA.

Sabes que estavamos ajustando o meio de nos vingarmos de ti, maroto?..

ROSA.

E tu mesmo te entregaste... mas como?..

FLORENCIA.

Agora já adivinho... bem dizia Emilia, foi Carlos quem levou as bordoadas, ah! patife! mais essa

ROSA.

Pagará tudo por junto.

AMBROSIO.

Mulheres, vejam lá o que fazem?

FLORENCIA.

Não me mettes medo, grandissimo mariola.

ROSA.

Sabes que papel é este? é uma ordem de prisão contra ti, que vae ser executada.. Foge agora.

AMBROSIO.

Minha Rosinha, tira-me d'aqui.

FLORENCIA.

O que é lá?

AMBROSIO.

Florencinha, tem compaixão de mim.

ROSA.

Ainda fallas, patife.

AMBROSIO.

Ai, que grito, ai! ai!..

FLORENCIA.

Podes gritar, espera um bocado (*sabe*).

ROSA.

A justiça de Deos te castiga.

AMBROSIO.

Escuta-me, Rosinha, em quanto aquelle diabo está lá dentro; tu és á minha cara mulher, tira-me d'aqui, que eu te prometto. .

ROSA.

Promessas tuas? queres que eu acredite nellas?
(*Entra Florencia, trazendo um páo de vassoura.*)

AMBROSIO.

Mas eu juro que d'esta vez. . .

ROSA.

Juras? e tu tens fé em Deos para jurares?

AMBROSIO.

Rosinha de minha vida, olha que . .

FLORENCIA (*levanta o páo e dá-lhe na cabeça*).

Toma, maroto.

AMBROSIO (*escondendo a cabeça*).

Aii..

ROSA (*rindo-se*).

Ah! Ah! Ah!..

FLORENCIA.

Ah! pensavas que o caso havia de ficar assim? . .
anda, bota a cabeça de fóra...

AMBROSIO (*principia a gritar*).

Aii etc.

ROSA (*procura pela casa um páo*).

Não acho tambem um páo.

FLORENCIA.

Grita, grita, que eu já chorei muito; mas agora
heide arrebenar-te esta cabeça; bota essa cara sem
vergonha de fóra.

ROSA (*tira o travesseiro da cama*).

Isto serve?.

FLORENCIA.

Patifel homem desalmado.

ROSA.

Zombastes, agora pagarás.

AMBROSIO (*botando a cabeça de fóra*).

Ai! que morro! (*dão-lhe.*)

ROSA.

Toma lá.

AMBROSIO (*escondendo a cabeça*).

Diabos!

ROSA.

Chegou nossa vez!

FLORENCIA.

Verás como se vingam duas mulheres.

ROSA

Trahidas!

FLORENCIA.

Enganadas!

ROSA.

Por um tratante.

FLORENCIA.

Digno da força.

ROSA.

Anda, bota a cabeça de fóra.

FLORENCIA.

Pensavas que havíamos de chorar sempre?

AMBROSIO (*bota a cabeça de fóra*).

Já não posso! . . (*dão-lhe.*) Ai que me matam! (*esconde-se.*)

ROSA.

E' para teu ensino! . .

FLORENCIA (*fazendo signaes para Rosa*),

Está hom . . basta, deixál-o; vamos chamar os officiaes c'e justiça.

ROSA.

Nada! primeiro hei de lhe arrebentar a cabeça; bota a cabeça de fóra, não queres?..

FLORENCIA (*fazendo signaes*).

Não minha amiga, por nossas mãos, já nos vingámos; agora a justiça.

ROSA.

Pois vamos, um instantinho, meu olho, já voltamos.

FLORENCIA.

Se quizer, póde sahir e passeiar; podemos sahir, que elle não foge (*collocam-se juntas do armario silenciosas.*)

AMBROSIO (*botando a cabeça de fóra*).

As furias já se foram; escangalháram-me a cabeça; se eu pudesse fugir.

FLORENCIA } *dão-lhe*.
ROSA }

FLORENCIA.

Porque não foges?

ROSA.

Póde muito bem.

AMBROSIO.

Demonios (*esconde-se*).

FLORENCIA.

Só assim teria vontade de rir, ah! ah!

ROSA.

Ha 6 annos que me não rio de tão boa vontade.

FLORENCIA.

Então, maridinho?

ROSA.

Vidinha, não queres ver tua mulher?

AMBROSIO (*dentro*).

Demonios! furias, centopeas!.. diabos!.. corujas!
ai, ai, (*gritando sempre.*)

SCENA XVIII

(*Os mesmos e Emilia.*)

EMILIA (*entrando*).

O que é?.. riem-se?..

FLORENCIA.

Vem cá, menina! vem ver como se deve ensinar
aos homens.

SCENA XIX.

(*Entra Carlos preso por soldados, etc., seguido de
Jorge.*)

JORGE (*entrando adiante*).

Visinha o ladrão foi apanhado.

CARLOS (*entre os soldados*)

Tia!

FLORENCIA.

Carlos!

EMILIA.

O Primo!

(*Ambrosio bota a cabeça de fóra e espia.*)

JORGE.

E' o ladrão!..

FLORENCIA.

Visinho, este é meu sobrinho Carlos.

JORGE.

Seu sobrinho!.. pois foi quem levou a cossa.

CARLOS.

Ainda cá sinto.

FLORENCIA.

Coitado!. foi um engano, visinho!

JORGE (*para os meirinhos*).

Podem largál-o.

CARLOS.

Obrigado. Priminha (*indo para ella*).

EMILIA.

Pobre primo!.

FLORENCIA (*para Jorge*).

Nós já sabemos como foi o engano, n'este armario... depois lhe explicarei.

(*Ambrosio esconde-se*).

JORGE (*para os soldados*).

Sinto o trabalho que tiveram, e como não é mais preciso, podem-se retirar...

ROSA.

Queiram ter a bondade de esperar... Snrs. officiaes de justiça, aqui lhes apresento este mandado da prisão, lavrado contra um homem que se occulta dentro d'aquelle armario.

TODOS.

Naquelle armario!

MEIRINHO (*que tem lido o mandado*).

O mandado está em fórma.

ROSA.

Tenham a bondade de levantar o armario.

(*Os officiaes de justiça, e os 4 homens levantam o armario*).

FLORENCIA.

Abram.

AMBROSIO (*sahe muito palido, depois de abrirem o armario.*)

CARLOS.

O Senhor meu tio!

EMILIA.

Meu padraсто!

JORGE.

O Snr. Ambrosio!

MEIRINHO.

Estacs preso!

ROSA.

Levai-o.

FLORENCIA.

Para a cadeia!..

AMBROSIO.

Um momento, estou preso, vou passar 6 annos na cadeia, exultae, senhoras.. Eu me deveria lembrar antes de me cazar com duas mulheres, que basta só uma para fazer o homem desgraçado; o-que diremos de duas, reduzem-no ao estado em que me vejo... mas não sahirei daqui sem ao menos vingar-me em alguem (*para os meirinhos*): senhores, aquelle moço fugio do convento, depois de assassinar um frade.

CARLOS.

O que é lá isso?..

(*Mestre de Noviços entra pelo fundo.*)

AMBROSIO.

Senhores, denuncio-vos um criminoso.

MEIRINHO.

E' verdade que tenho aqui uma ordem contra um Noviço.

MESTRE.

Que já de nada vale.

(*Prevenção*).

TODOS.

O Padre Mestre!!!.

MESTRE (*para Carlos*).

Carlos, o D. Abbade julgou mais prudente que lá não voltasseis, aqui tens a permissão por elle assignada, para sahires do convento.

CARLOS (*abraçando-o*).

Meu bom Padre Mestre, este acto reconcilia-me com os Frades...

MESTRE.

E vós senhoras, esperae da justiça dos homens o castigo d'este malvado (*para Carlos e Emilia*). E vós, meus filhos, sede felizes, que eu pedirei para todos (*ao publico*) Indulgencial..

AMBROSIO.

Oh! mulheres! mulheres!

(*Execução*)

FIM DA COMEDIA.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).